

REFRIGÉRIO

ANO 28 NÚMERO 154 JUL/SET 2014 ISSN 2182-6188

EVANGÉLICO

TEXTOS
PARA
FAZER
PENSAR

Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele!

Provérbios 22:6





Igreja do Torne-Vila Nova de Gaia

Alguns apontamentos sobre **Protestantismo Histórico e Formação**

A **EDUCAÇÃO OU A FORMAÇÃO** fazem parte do nosso ADN enquanto comunidade cristã. Em primeiro lugar porque somos a religião do LIVRO. A forma encontrada por Deus para nos instruir, formar, ensinar e corrigir é a Sua PALAVRA.

Os ventos reformadores que sopraram por toda a Europa, no século XVI, tiveram como resultado a popularização da PALAVRA, através de um trabalho exaustivo de tradução da Bíblia para as línguas autóctones. Reformadores e humanistas dedicaram uma parte do seu tempo e das suas energias, no trabalho parcial e/ou integral de tradução da Bíblia, da Vulgata Latina, de Jerónimo, ou mesmo das línguas originais.

Em Abril do ano 2000, o Doutor T. F. Earle descobriu na biblioteca do All Souls College - Universidade de Oxford, uma tradução para a Língua Portuguesa, do livro de Eclesiastes, levada a cabo pelo humanista Damião de Góis (que privou com Martinho Lutero e Catarina de Bora), impresso na cidade de Veneza, no ano de 1538.

A emoção desta descoberta está no facto de esta ter sido a única tradução para a Língua Portuguesa de um texto bíblico no século da Reforma Protestante e das grandes traduções da Bíblia para a língua de alguns estados.

A popularização do texto Sagrado exigiu não apenas a tradução do mesmo, mas também a alfabetização das populações para que o pudessem ler.

Em Portugal, o Dr. Robert Kalley, na ilha da Madeira, ou Diogo Cassels, na zona de Vila Nova de Gaia e Porto, criaram, na transição do século XIX para o século XX, um modelo escolar alternativo.

Estes pregadores e grupos religiosos pertenciam a correntes religiosas de feição anglicana, presbiteriana, metodista, batista e outras que assentavam no estudo e difusão da Bíblia o corpo fundamental da sua doutrinação e prática de vida, pelo que a leitura dos textos sagrados constituía veículo primário de enculturação e, para quem, por esta razão, o analfabetismo que grassava pelo País nessas primeiras décadas do Liberalismo representava um obstáculo que era preciso vencer com as armas da instrução. (Moreno 2006).

Robert Kalley chega à ilha da Madeira a 12 de outubro de 1838 onde funda um hospital e cerca de 20 escolas onde milhares de madeirenses são alfabetizados através da leitura da Palavra. Alguns anos mais tarde, Diogo Cassels, aos 24 anos de idade, fundou a escola do Torne, para a alfabetização e formação das classes mais humildes. Em 1901, fundou a escola do Prado. Cada comunidade da igreja Lusitana tinha a sua escola onde milhares de crianças foram formadas com repercussões sociais, culturais e espirituais que chegam até aos dias de hoje.

Kalley e Cassels perceberam que, na sua época, cerca de 75% da população portuguesa era analfabeta e tonou-se obrigatório garantir-lhes os meios necessários para que pudessem conhecer o Deus da Palavra através da Palavra de Deus.

Eliseu Alves

**...conhecer o Deus da Palavra
através da Palavra de Deus.**

A Pedagogia de Jesus Cristo nos Evangelhos ⁽¹⁾

por Nuno Fonseca
ednunfonseca@hotmail.com

**Em termos da influência que exerceu,
Jesus de Nazaré foi
o mais importante ser humano da história
da humanidade. É inequivocamente
a personagem histórica sobre a qual
mais se tem escrito e discutido.**

NESTE PERÍODO QUE VIVEMOS, onde a moda do final do século XIX e princípio do séc. XX que postulava a não existência de Jesus, já não tem qualquer eco na comunidade científica, a tese que prevalece é que a pessoa de Jesus Cristo efetivamente constituiu um facto histórico. Esse reconhecimento ocorre na senda daquilo que já ficou reconhecido por escritores romanos quase contemporâneos e também pelo escritor judeu Flávio Josefo (o qual se distinguia pelo rigor e seriedade das suas apreciações), e que viveu e escreveu logo na geração seguinte à morte de Jesus. Ademais, é reconhecido que, ao longo da História, jamais alguém teve um “efeito de tão grande alcance, durante tanto tempo, em toda a superfície da terra e relativamente a uma tão ampla gama de questões” (Johnson, 2011, p. 140) . Além da historicidade da pessoa de Jesus Cristo, a sua repercussão na definição da própria cultura entre os povos, o seu impacto na vivência de milhares de milhares ao longo destes dois mil anos, são motivos, mesmo que circunscritos ao plano racional e argumentativo, de trazer legítima e reconhecidamente o seu contributo para os dias de hoje. Por isso, a pessoa de Jesus, nas múltiplas vertentes possíveis de serem estudadas, apreciadas e discutidas, deve ser colocada como relevante objeto de análise - nomeadamente para o plano educacional. Assim, neste artigo pretendo conceder aos leitores, baseado nos quatro evangelhos canónicos que inauguram o Novo Testamento, um breve e limitado vislumbre da faceta pedagógica desta personagem tão ex-



traordinária que viveu há dois milênios e do qual o Evangelho de João, no seu prólogo, afirma: “habitou entre nós, cheio de graça e de verdade e vimos a sua glória” (Jo 1:14).

Este é o primeiro de uma série de artigos a serem publicados nos próximos números do Refrigério. O esqueleto desta série articula-se em cinco momentos principais. **No presente artigo, apresento um apontamento quase telegráfico do relacionamento do Cristianismo com a Educação**, seguido da abordagem de Jesus como mestre religioso judeu. No próximo artigo, proponho-me analisar a síntese do ensino de Jesus. No quarto e no último, os elementos da didática de Jesus e os princípios pedagógicos estruturantes que balizam o seu magistério único.

CRISTIANISMO & EDUCAÇÃO

Na verdade, o cristianismo ocupa um lugar de relevo na história da educação ocidental. Inclusive, no contexto português a sua relevância quase monopolista de única organização a ocupar-se do sistema de ensino existente, atravessou a nossa história de forma patente, desde o século V até ao século XVIII. O Estado que durante o Antigo Regime desempenhou um papel secundário neste processo, vai progressivamente assenhorear-se da educação formal (processo de estatização da Escola), substituindo a tutela da Igreja, refletindo os ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa (Stein, 2001).

À luz dessa tremenda influência, não é de estranhar que se afirme que a Pedagogia moderna é historicamente devedora, em termos estruturais, ao investimento feito por cristãos estudiosos e educadores, no sentido do ser humano poder absorver na sua vida o padrão divino (Borges, 2003). Como ilustração, destaco nesse sentido apenas dois factos. Logo nos primeiros séculos da nossa era, inúmeros cristãos destacam-se na produção escrita sobre a prática educativa de Jesus e sobre a forma como os cristãos devem educar as futuras gerações. Justiniano Mártir, Orígenes, Clemente de Alexandria e Agostinho são exemplos disso. Já no século XVII, o pastor protestante Coménio, estudioso das Escrituras Sagradas, organizou uma obra educativa fundada na revelação cristã. João Amós Coménius, nascido no final do século XVI, influenciado pelas ideias de Martinho Lutero e João Calvino, escreveu a magistral *Didáctica Magna*, obra que tem influenciado educadores em diversas partes do mundo até à atualidade. A *Didáctica Magna* (Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos) é considerada um dos primeiros tratados sistemáticos de pedagogia, de didática e até de sociologia escolar (Fonseca, 1998).

Aliás, foi da pena de Coménio que brotou aquela que considero a citação mais bonita e mais expressiva da digna missão da Escola como instrumento fundamental no desenvolvimento da formação integral das novas gerações. Ele utiliza interessantemente a metáfora de oficina de homens, a saber: Chamo escola perfeitamente correspondente ao seu fim aquela que é uma verdadeira oficina de homens,

isto é, onde as mentes dos alunos sejam mergulhadas no fulgor da sabedoria, para que penetrem prontamente em todas as coisas manifestas e ocultas, as almas e as inclinações da alma sejam dirigidas para a harmonia universal das virtudes, e os corações sejam trespasados e inebriados de amores divinos... (Coménio, 1657/1996).

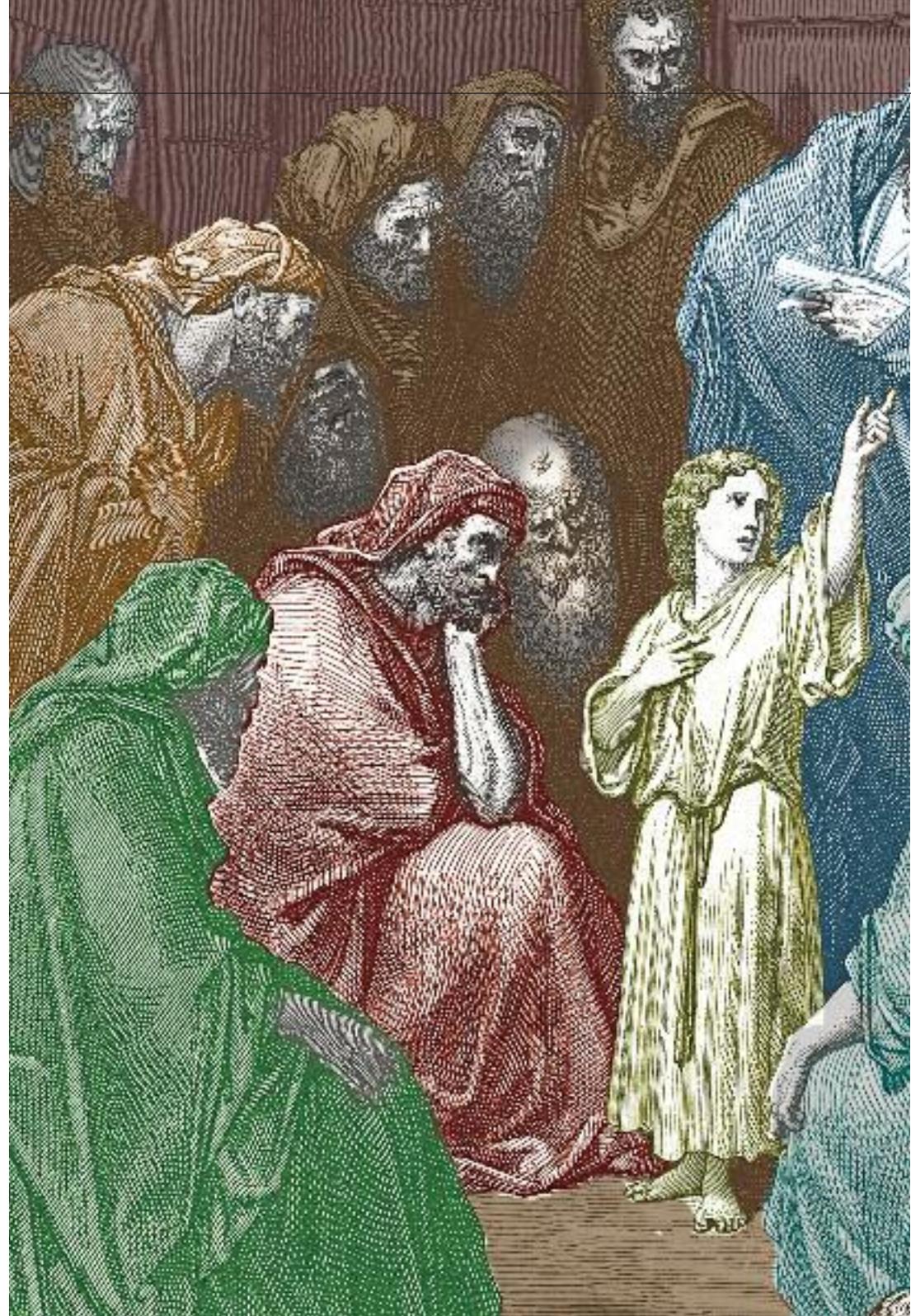
A cosmovisão cristã, não somente reconheceu a responsabilidade e o privilégio de intervir no processo formativo dos seres humanos, mas concebeu tal intervenção à luz de uma perspetiva integral, holística e compreensiva, onde a pessoa de Deus surge como meta pedagógica essencial para a plenitude educativa de qualquer ser humano. Essa interpelação continua atual nos dias de hoje. Mas recuemos ao primeiro século e contemplemos a pessoa de Jesus como o Mestre religioso judeu por excelência.

JESUS COMO MESTRE RELIGIOSO JUDEU

Podemos vincular à pessoa de Jesus vários ofícios e ênfases na sua vida e ministério terreno. A atividade de Jesus pode ser sintetizada no trinómio assente nas dimensões da pregação, do ensino e dos sinais (milagres, prodígios e maravilhas). Conforme iremos notar é impossível dissociar a vertente do ensino, o eixo pedagógico da sua vida. Note-se o seguinte, somente a título introdutório. **Em primeiro lugar**, são mais de 40 títulos atribuídos a Jesus, descrevendo a sua obra e a sua pessoa. Ele é denominado como Senhor, ele é o Messias, ele é o

Cristo, ele é o Salvador, ele é o Filho de Deus, ele é o Filho do Homem, Rei de Israel, etc.. Contudo, nos quatro evangelhos emerge o termo Mestre, ocorrendo quarenta e cinco vezes (Hendricks, 1999, p. 11). A palavra mais usada nos evangelhos para descrever aquilo que Jesus fez, é alguma variante do verbo grego didasko, que significa ensinar (Weigle, p. 14, citado em McCord, 1993, p. 1), e que a própria língua portuguesa apropriou na palavra didática. Reforçando ainda mais esta tônica, refira-se que a palavra discípulo, que significa aluno ou aprendiz, é empregada 243 vezes, para referir-se aos seguidores de Jesus (Price, 1954, p. 9).

Em segundo lugar, o evangelho de Mateus retrata vigorosamente Jesus como o Mestre da vontade de Deus de forma única. Nele encontramos o notável ensino do monte, o ensino didático acerca do reino de Deus através de parábolas e a transmissão veemente de avisos solenes relativos ao julgamento final - tudo isso organizado em 5 momentos de ensino (Mt 5-7; 10; 13; 18; 24-25), que perfazem mais do que um quarto de todo o evangelho (Yieh, 2004, p. 1, p. 26). No primeiro evangelho, depois de uma breve narrativa acerca da chamada dos discípulos, o narrador dá o seu primeiro relatório descrevendo a rotina associada ao ministério de Jesus: “e percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mt 4:23). O primeiro tipo das três atividades listada é o ensino, expressando uma ênfase deliberada por parte de Mateus (a passagem paralela de



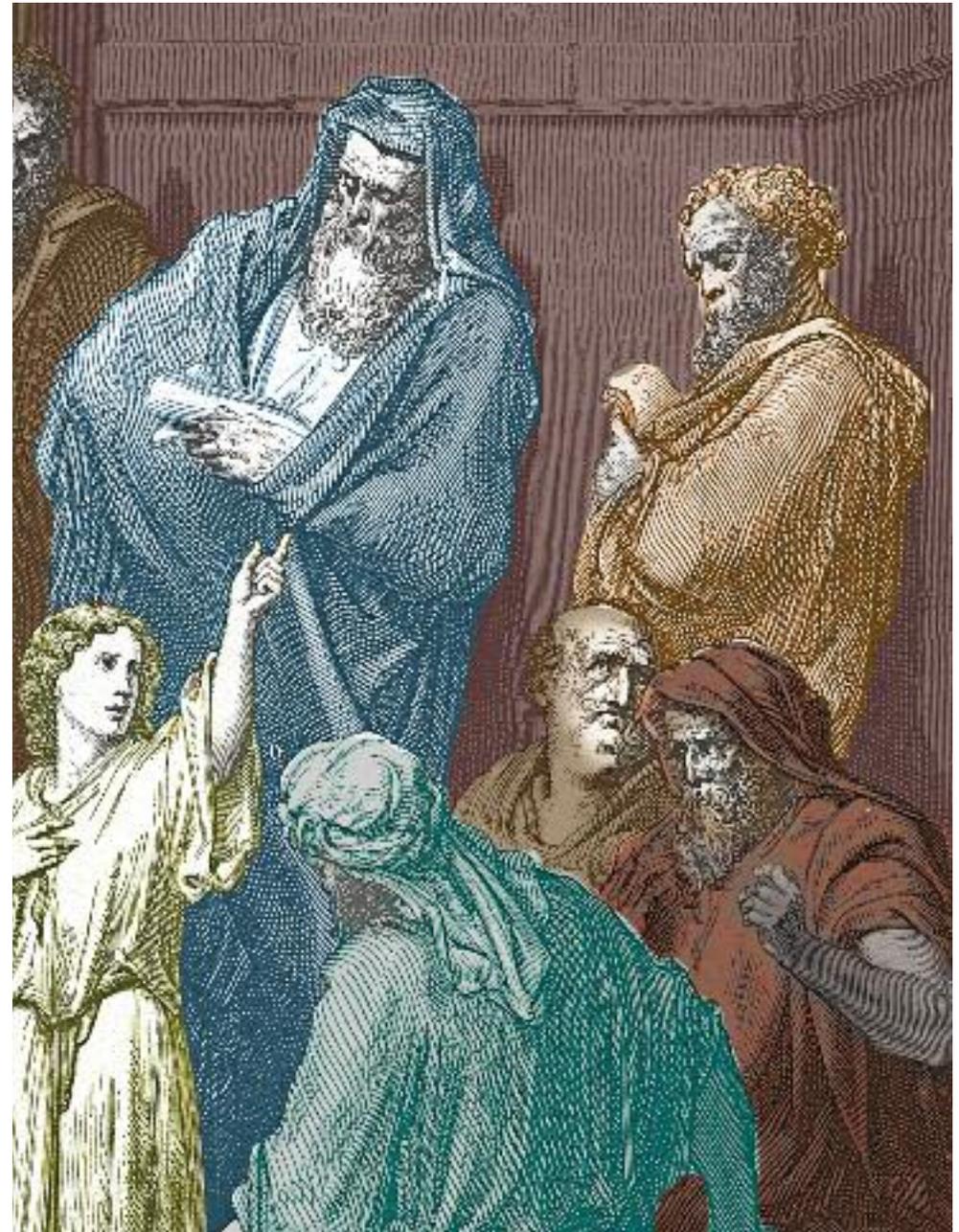
Marcos 1:36-37 refere a proclamação, faceta que é deixada de fora no relato em consideração). Essa prioridade no ensino é repetida novamente em 9:35, 11:1 e 13:54. Naturalmente, à luz daquilo que já foi referido, a primeira ação pública registada foi o sermão do monte (didache) (didasko 5:2; 7:28 didache; 7:29 didasko). Quer no sermão do monte, quer nas outras ocasiões subsequentes, o narrador visa preliminarmente retratar Jesus como um mestre respeitável (Yieh, 2004, p. 27). Jesus sobe ao monte, senta-se (5:1-2; 13:1-2; 24:3-4 (ver ainda 23:2; 26:55 – o ato de sentar indica dignidade, ver 19:28; 20:21, 23; 25:31; 26:64)), os seus discípulos se aproximam junto a ele (5:1; 13:2; 18:1; 24:1; cf 10:1) e abre a sua boca para ensinar (5:1-2) - evocando desse modo a imagem de um mestre, digno e com glória real (Yieh, 2004, pp. 15-21). No final de cada discurso a fórmula utilizada foi: "e quando Jesus acabou..." (7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1). Isso foi usado para enfatizar que Jesus tinha acabado de dar um importante ensino. Transversalmente, a repetição rítmica dessa fórmula cria e reforça a impressão de que o ensino é um ponto alto do ministério de Jesus, e que somente depois de ter dado uma fatia substancial de instrução ele sairia para fazer outra coisa, debatendo com os fariseus ou curando os enfermos. O primeiro relatório (4:23) e o último comentário (26:1-2) formam um incluso caracterizador do ministério de ensino que distintivamente a sua jornada pública assumiu (Yieh, 2004, p. 27). Ainda duas notas interessantes a esse respeito. Por um lado, João Batista foi, em certo sentido, aquele que preparou o caminho e as bases

...

**a Pedagogia moderna
é historicamente devedora,
em termos estruturais,
ao investimento feito
por cristãos estudiosos
e educadores, no sentido
do ser humano poder absorver
na sua vida o padrão divino**

...

do ministério de Jesus. No relato neotestamentário não foi denominado mestre, apesar de ter um grupo de discípulos e, pelo menos, ensinava-os a orar (Squires, 1927, p. 40). Por outro lado, nem uma vez é usado o termo “pregador” em relação a Cristo. Jesus surge no relato bíblico a ensinar (45 vezes) e apenas 11 vezes a pregar. Mesmo assim, pregando e ensinando (como vemos em Mt 4:23 “ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do reino”), expressando desse modo o inter-relacionamento entre a pregação e o ensino (não devemos assim dissociá-los como se fossem esferas independentes). **Por último, em terceiro lugar,** Jesus Cristo foi tratado por um título que merece a nossa atenção, pois era um termo utilizado para saudar um mestre judeu da lei. Foi tratado por Rabbi (14 vezes), palavra aramaica que significa “meu mestre” e cuja etimologia, na sua raiz, aponta para a ideia de numeroso e grande. A posição de Rabbi na sociedade judaica era assumida por eminentes homens ricos que ensinavam a Lei (o código moral e religioso que Moisés tinha estabelecido) (Derret, p. 146, citado em McCord, 1993, p. 2). Interessante que Jesus não foi treinado para tal, como fica evidenciado em João 7:15: “Como sabe estas letras, sem ter estudado?”. Apesar de ter ido, muito provavelmente, à escola elementar bem como à escola secundária (Wilson, 1974, p. 21), Jesus foi assim denominado como professor, com base nas suas atividades “pedagógicas”, ao invés da sua preparação intelectual específica ou alguma posição oficial na sociedade judaica (Tilden, p. 163, citado em McCord, 1993, p. 1).



Jesus, na sua censura aos escribas e fariseus narrada no Evangelho de Mateus, apontou que gostavam de ser chamados pelos homens de Rabbi (Köstenberger, 1998, p. 108). Nesse âmbito, Jesus critica a sua procura de glória vã, e aproveita as circunstâncias para firmemente contender com os seus discípulos, avisando-os: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabbi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos” (Mt 23:8). Esta ideia de singularidade, saliente na própria palavra Rabbi (era considerado como o único mestre) está também patente em 23:10 quando Jesus refere: “Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo”. Neste caso, é um termo (traduzido também por instrutores, guias, líderes) apenas utilizado uma única vez no novo testamento para um professor filósofo grego. Ademais, os pais da Igreja consideravam e apresentavam Jesus nas suas mensagens às comunidades cristãs, como o único professor, além de todos os demais títulos (Yieh, 2004, pp. 7-8).

Apesar de haver algum debate em que medida o termo Rabbi se associaria à identidade da pessoa de Jesus, é assente o reconhecimento de que os seus contemporâneos o perceberam claramente como mestre religioso judeu. No Evangelho de João, essa percepção não ficou só confinada ao círculo mais imediato dos seguidores de Jesus (1:38; 4:31; 9:2; 11:8), mas também a Nicodemos (3:2), a Natanael (1:49), a um cego (Mc 10:51) a Maria Madalena (20:16) e às próprias multidões (6:25). O reconhecimento de Jesus Cristo como mestre re-

...

outro ofício de Jesus ...

– o ofício de Mestre, o Sábio ...

o qual tem como

grande missão pedagógica,

explicar o próprio Deus

...

ligioso judeu, não é atestado somente pelo trato, pelas palavras utilizadas, mas em particular no Evangelho de João, existe ao longo da narrativa uma descrição do relacionamento usual entre discípulo e mestre, na linha daquilo que seria esperado no contexto judaico do primeiro século. Isso envolveria instrução por palavra e por ação, proteção dos discípulos e provisão das suas necessidades (Köstenberger, 1998, p. 102). E assim, tal como os demais Rabbis, Jesus Cristo proclamou a Lei Divina (Mc 12:28-34); ensinou nas sinagogas (Mc 1:21-28); reuniu discípulos (Mc 1:16-20; Jo 1:35-51); debateu com os escribas (Mc 7:5f; 11:27:33); foi questionado em torno de disputas legais (Mc 12:13-17); sentava-se quando ensinava (Mc 4:1; Lc 4:20; Mt 5:1); suportava o seu ensino com as Escrituras (Mc 2:25-26); usava técnicas poético-didáticas (Mt 12:40) (Bornkamm, p. 57, citado em McCord, 1993, p. 2; Stein, 1978), mas também tinha distintivos singulares que faziam dele um Mestre Rabbi radicalmente diferente, alguns dos quais iremos abordar nos artigos subsequentes. As diferenças não eram somente uma questão de grau mas existiam principalmente ao nível dos princípios (destaque-se, desde já, que o seu ensino era autorizado por Deus; a sua palavra, era a Palavra de Deus) (ver Köstenberger, 1998). Compreende-se o contraste reconhecido entre o ensino rabínico, cuja natureza assentava mais numa tônica repetitiva, rígida e numa abordagem hermeticamente fechada (perspetivava-se a perfeita memorização), e o ensino de Jesus, mais pautado pela criatividade, espontaneidade e frescura das suas palavras

(Gangel & Benson, 1983, pp. 70-71), as quais encontravam na sua pessoa uma demonstração viva e congruente dos princípios e valores propostos.

O OFÍCIO DE ENSINO NA MISSÃO DE JESUS CRISTO

Portanto, parece-me legítimo afirmar que o ensino foi uma atividade proeminente e integrante do ministério de Jesus Cristo. Apesar de ser uma das facetas que pessoalmente mais admiro e mais me sensibiliza como pessoa e também como pai e educador, penso que a afirmação de J. Price, o autor do clássico *A Pedagogia de Jesus - o Mestre por Excelência*, seja um pouco exagerada quando defende e cito: “a maior glória da profissão de mestre (professor) está no facto de Jesus Cristo ter escolhido ser Mestre, quando se viu face a face com aquilo que tinha de realizar na vida” (Price, 1954, p. 10). Nem tão pouco vou afirmar, pois teria no contexto português fortes conotações políticas, de que a sua paixão era a educação (os resultados de tal enamoramento em Portugal estiveram/estão longe de ser satisfatórios). No entanto, estou mais inclinado a concordar com o pensamento de outro autor (Ronald Allen), quando chama a atenção na ênfase parcial nos três ofícios de Jesus, dada pela teologia clássica protestante: Profeta, Sacerdote e Rei. Certamente como profeta foi superior a Moisés,

...

**o desafio para a Igreja de hoje é, sem dúvida,
não somente contemplar a beleza da sua ação
como mestre, mas reconhecer a necessidade de contemplar
na sua agenda intencional e prática a dimensão
educativa nas suas múltiplas expressões
(formação, investimento, apoio)**

como sacerdote foi mais grandioso do que Arão e como Rei foi ainda mais excelente do que David. Mas tal abordagem tende a negligenciar outro ofício de Jesus que mereceria figurar ao lado desses três – o ofício de Mestre, o Sábio cuja sabedoria ultrapassa a de Salomão e que agora é encarnada na própria pessoa de Jesus, o qual tem como grande missão pedagógica, explicar o próprio Deus. De facto, o evangelho de João a esse respeito reconhece: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (citado em Hendricks, 1999, pp. 11-12).

Para concluir, compreendemos agora melhor a própria afirmação de Jesus Cristo, corroborando inequivocamente essa dimensão na sua vida, à luz da sua missão perante a humanidade, (particularmente perante aqueles que o aceitavam e reconheciam). No capítulo treze de João, Ele afirma: “Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou” (Jo 13:13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os Evangelhos, durante um período curto de quase 3 anos, Jesus Cristo interveio geograficamente na Palestina do primeiro século, passando pelas províncias da Galileia, Pereia e Judeia. Centrou

estrategicamente o início do seu ministério em Cafarnaum e terminou os seus dias terrenos, na famigerada e emblemática cidade milenar de Jerusalém, na qual, tendo entrado triunfalmente, foi preso, julgado e crucificado passados apenas alguns dias. Nesse período, os Evangelhos registam de forma regular e intensa o exercício do magistério ímpar de Jesus. Ele foi um Rabbi extraordinário, um Mestre religioso judeu que se destacou dos seus colegas contemporâneas de tal forma, cuja distância tornou-se incomensurável. Pois Ele era o Emanuel, Deus conosco.

O desafio para a Igreja de hoje é, sem dúvida, não somente contemplar a beleza da sua ação como mestre, mas reconhecer a necessidade de contemplar na sua agenda intencional e prática a dimensão educativa nas suas múltiplas expressões (formação, investimento, apoio). Que, nesse sentido, sejamos discípulos humildes, prontos a aprender. Particularmente, numa área que faz sentido reconhecer a aprendizagem ao longo da vida, tendo em consideração o património bíblico e teológico - sempre dinâmico, sempre suscetível de aprofundamento, de relacionamento e de cruzamento, sempre disponível para ser revisitado e reaplicado às novas contingências e desafios contemporâneos.

(CONTINUA)

A Crise do Analfabetismo Bíblico



Stacey Irvine não comeu quase nada a não ser nuggets de galinha durante 15 anos.

Nunca provou fruta ou vegetais. Ocasionalmente, completava a sua dieta com batatas fritas.

Um dia, a sua língua começou a inchar e não conseguia respirar com facilidade.

Foi rapidamente para o hospital, as suas vias respiratórias foram forçadas a abrir, colocaram uma intravenosa no seu braço e começaram a bombear os nutrientes que ela precisava.

Depois de salvar a sua vida, os médicos mandaram-na para casa, mas não antes de a avisar de que precisaria de mudar os seus hábitos alimentares ou preparar-se para uma morte prematura.

F FOME DE CONHECIMENTO BÍBLICO!

Isto soa excessivamente alarmista para si? As pessoas que têm estudado as tendências não pensam assim.

O professor do Wheaton College, Timothy Larsen, comenta que "foi demonstrado que o conhecimento bíblico continua a diminuir. ... e nunca esteve tão baixo como agora. "

Em "As nove questões mais importantes para a Igreja Evangélica," o teólogo Michael Vlach cita "analfabetismo bíblico na Igreja", como a

sua preocupação final. Ele concorda com a avaliação de George Barna que "o corpo cristão ... está imerso numa crise de analfabetismo bíblico."

O especialista do Novo Testamento David Nienhuis resume a sua opinião da situação num artigo intitulado "O Problema do Analfabetismo Bíblico Evangélico: Um ponto de vista da sala de aula": Por mais de vinte anos, os líderes cristãos foram lamentando a perda de conhecimento bíblico geral nos Estados Unidos. ... Alguns de nós podem ser

tentados a buscar consolo no reconhecimento de que a nossa cultura é cada vez mais pós-cristã. ... Para nossa vergonha, no entanto, tornou-se cada vez mais claro que a situação não é realmente melhor entre os cristãos que confessam, mesmo aqueles que afirmam manter a Bíblia em alta conta.

Se eu sou alarmista, não estou sozinho.

Atualmente, muitos de nós nem sequer sabem factos básicos sobre a Bíblia. Lembro-me de uma aluna - e não uma nova crente - que me fez uma pergunta depois da aula, sobre a conversão de Saul, em Atos 9. Ela queria saber se era o mesmo Saul que era rei de Israel. Não. A história do rei Saul é encontrada no Antigo Testamento, o Saul de Atos - também conhecido como Paulo - é encontrada no Novo Testamento. [na Bíblia em inglês, Saulo escreve-se Saul].

Eu não consigo imaginar uma coisa destas acontecer com um grupo de luteranos alemães no século XVI, ou puritanos ingleses no século XVII, ou para Wesleyanos no século XVIII, ou os modernos cristãos chineses que só têm acesso a algumas Bíblias na sua igreja. Ou até mesmo aos nossos crentes bisavós. O meu avô paterno, que nunca entrou em relacionamento pessoal com Jesus Cristo, lia a Bíblia regularmente e tinha muitas passagens memorizadas.

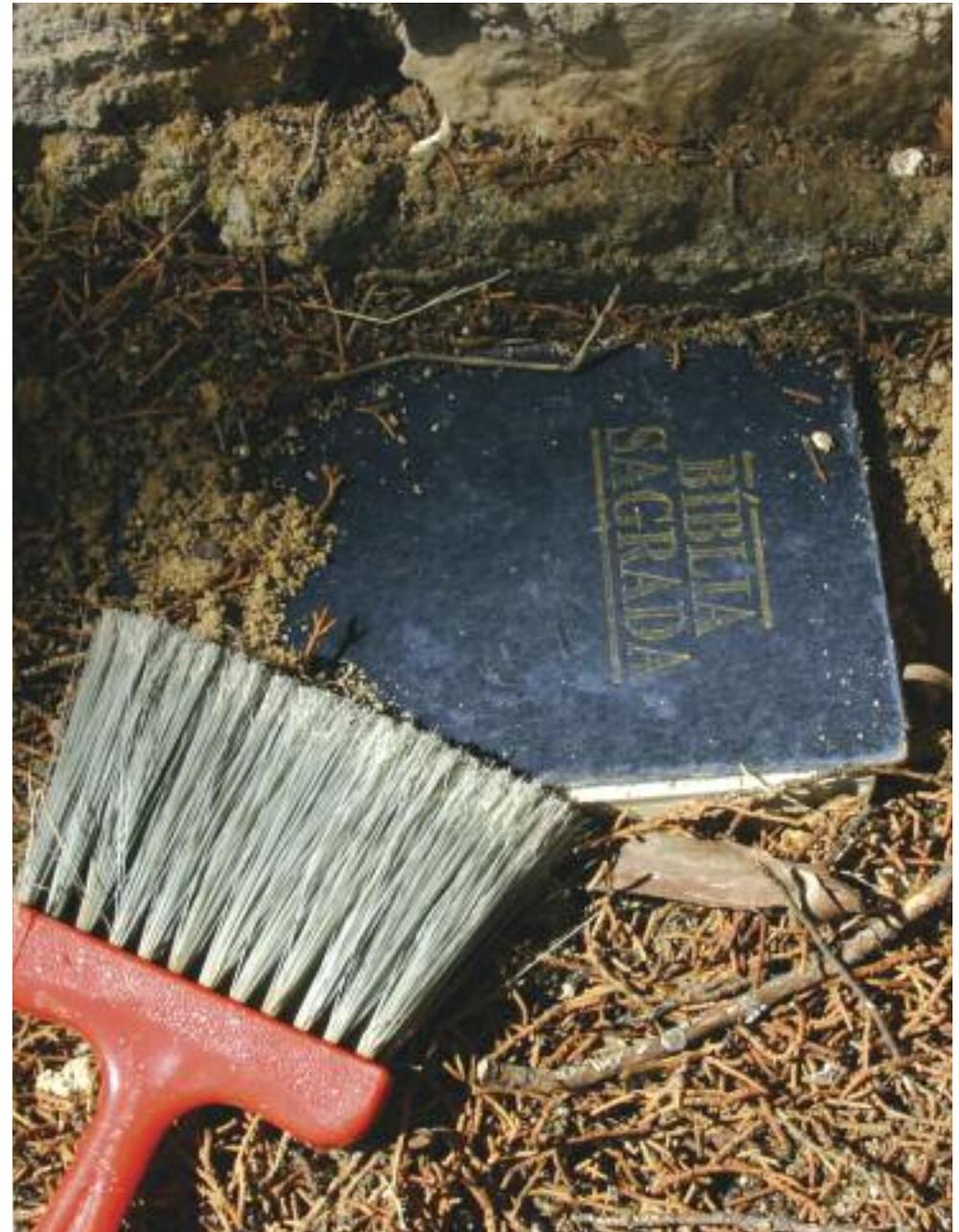
Quando eu era professor numa faculdade em Nova York, pedi a cada aluno para escrever um esboço biográfico de um personagem do Antigo Testamento. Deparei-me com o seguinte texto sobre Josué: "Josué

Quando eu era professor, pedi a cada aluno para escrever um esboço biográfico de um personagem do Antigo Testamento. Deparei-me com o seguinte texto sobre Josué: "Josué era filho de uma freira". Este estudante claramente não sabia que Nun [Nun = freira] era o nome do pai de Josué, nem, aparentemente, ele percebeu que as freiras católicas não existiam durante o Antigo Testamento. Mas tenho a certeza que criou uma grande agitação no convento!

era filho de uma freira" Este estudante claramente não sabia que Nun [Nun = freira] era o nome do pai de Josué, nem, aparentemente, ele percebeu que as freiras católicas não existiam durante o Antigo Testamento. Mas tenho a certeza que ele criou uma grande agitação no convento!

Meditar dia e noite

No livro de Amós, as pessoas que experimentaram uma "fome de ouvir as palavras do Senhor" são retratadas como sofrendores do julgamento divino. Amós pinta um quadro de pessoas sem acesso à revelação de Deus em busca de uma mensagem de Deus como pessoas desesperadas - famintos e desidratados - em busca de comida e água (Amós 8:11-12). Em Amós eles querem isso, mas não foi permitido. No nosso caso, embora tenhamos acesso ilimitado, muitas vezes não o queremos. A ironia é intensa. Quem iria deliberadamente e conscientemente colocar-se sob o juízo de Deus? Será que alguém poderia mudar-se com a sua família para uma terra que estava prestes a sofrer a seca se sabia de antemão que Deus iria enviar um juízo de seca para aquela terra (Amós 8:13)? Será que estamos de alguma forma a posicionar-nos no domínio do juízo de Deus quando por nossa vontade passamos fome espiritual por não "ouvir as palavras de Deus" (Amós 8:11-12)? É isso que acontece quando limitamos severamente o nosso compromisso com a Palavra de Deus?



Quando Deus deu ordens a Josué (filho de Nun), fê-lo com estas palavras: "Que este livro da lei não se aparte da tua boca, antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo o que nele está escrito" (Josué 1:8). Quantas vezes se deve meditar sobre isso? Dia e noite. Porquê? Para que façamos o que nele está escrito.

O livro dos Salmos do Antigo Testamento começa com estas palavras: "Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores; mas tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a ribeiros de águas que dá o seu fruto na estação própria, e as suas folhas não murcham. Em tudo o que ele faz, ele prospera". (Salmos 1:1-3)

E noutro salmo: "Oh como eu amo a tua lei! É a minha meditação o dia todo" (Salmos 119:97). Alguma vez se perguntou como poderia ser a sua meditação o dia todo? O salmista não tinha a Bíblia no seu smartphone. Será que ele levava um grande rolo de papel debaixo do braço? Não, ele tinha decorado as passagens sobre as quais ele meditava e estava a pensar sobre elas. Ele tinha memorizado uma grande parte da Bíblia.

A maneira mais fácil de memorizar a Bíblia é dividi-la em pedaços e, em seguida, ler uma parte de 10 ou 15 minutos outra e outra vez em voz alta até que você saiba a passagem inteira. Este método de memorização é indolor, edificante e só requer um pouco de tempo consistente. Poucos são os que conseguem memorizar um qualquer

versículo da Bíblia, muito menos os que memorizam grandes pedaços da Bíblia, no entanto, não é tão difícil como a maioria das pessoas pensam. E pode mudar a sua vida.

Sabia que os autores do Novo Testamento incluíram nos seus escritos mais de 300 citações diretas dos escritores do Antigo Testamento - sem contar com centenas de outras alusões e ecos da língua do Antigo Testamento? Não há nenhuma prova de que qualquer um destes autores procurava as referências à medida que escreviam. Eles simplesmente sabiam a Bíblia - isto é, as partes da Bíblia que já tinham sido escritas. Como é que a conheciam tão bem? Eles trabalhavam nela "dia e noite".

Como é que chegámos até aqui?

Então, como é que nós nos encontramos no meio de uma fome destas?

1 DISTRAÇÕES

Sempre que eu ensino uma disciplina chamada Interpretação Bíblica e Formação Espiritual, pergunto aos meus alunos porque é que tão poucas pessoas desta geração são muito zelosas acerca das coisas de Deus. Não me lembro de nenhuma ocasião em que tenha feito essa pergunta e ninguém tenha mencionado distrações. Redes sociais, mensagens de texto, televisão, jogos de vídeo e locais dedicados ao entretenimento puxam a nossa atenção para longe da Palavra de

Deus. Estas atividades divertidas e interessantes ocupam o tempo que poderíamos gastar a ler, estudar e memorizar a Bíblia e elas distraem os nossos pensamentos durante o tempo que poderíamos gastar meditando na Palavra de Deus ao longo do dia. Quando andamos de uma reunião para outra, os nossos pensamentos mudam-se naturalmente para as Escrituras e a oração? Ao sairmos de uma sessão de uma aula da faculdade, pensamos sobre as coisas de Deus que aprendemos da Bíblia? Ou imediatamente verificamos o telemóvel para ver se alguém nos enviou uma mensagem?

Em 1986, Neil Postman publicou um ensaio cultural influente intitulado "Divertindo-nos até à Morte". Ele argumentou que as liberdades pessoais desapareceriam não quando um governo totalitário impusesse opressão do lado de fora (como George Orwell imaginou no seu livro 1984), mas sim quando as pessoas comessem a "amar a sua opressão, a adorar as tecnologias que anulam as suas capacidades de pensar" (como Aldous Huxley descreveu em Brave New World).

Postman escreveu: **“O que Orwell temia era aqueles que iriam proibir livros. O que Huxley temia era que não haveria nenhuma razão para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse ler um”**. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley temia aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos a passividade e egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley temia que a verdade seria afogada num mar de irrelevância. Orwell temia que nos tornássemos uma cultura cativa. Huxley

...

**precisamos de
um renascimento da Bíblia.
E muitos de nós
precisamos
de nos arrepender
pelas nossas
prioridades erradas**

...

temia que nos tornássemos uma cultura trivial, preocupada com alguma coisa equivalente aos feelies, o orgy porgy, e o centrifugal bumblepuppy (conceitos do livro "Brave New World").

Como Huxley observou num livro mais recente (mencionado por Postman), "não estamos a ter em conta o apetite quase infinito do homem por distrações."

Não devemos supor que essas distrações não têm efeito sobre nossas percepções de Deus. Uma das minhas filhas em idade de faculdade estava a trabalhar num acampamento cristão de verão. Numa ocasião, ela estava a conversar com um grupo de crianças da primária sobre como é Deus. Uma menina do grupo respondeu: "Eu creio que há muitos deuses diferentes, como vimos no Hércules. Alguns são bons e alguns são maus". Ela estava a referir-se ao filme da Disney, "Hércules", que tinha visto naquela manhã no acampamento. A compreensão desta rapariga de Deus era, pelo menos até certo ponto, moldada pelo politeísmo exibido no filme que tinha sido mostrado num acampamento cristão.

Poderá ser que o nosso compromisso com a diversão resultou em fome, e as nossas distrações estão a levar à nossa destruição?

2 PRIORIDADES ERRADAS

As prioridades não são tão simples como "Deus em primeiro lugar, família em segundo e igreja em terceiro." O que é que esta ex-



pressão significa afinal? Sempre que eu tiver que escolher entre ler a minha Bíblia e passar tempo com os meus filhos, eu devia ler a Bíblia? Não. As prioridades não são baseadas numa simples hierarquia; elas exigem o equilíbrio adequado de atividades umas em relação às outras. Mas é apropriado perguntar: Para uma pessoa que está a trabalhar a tempo inteiro, qual é a quantidade adequada de tempo que deve ser gasto (em média) com o cônjuge ou os filhos, em casa ou no jardim, em exercício ou descanso? Quanto tempo devemos dedicar à construção de relações com os vizinhos incrédulos?

Vamos assumir nesta discussão que o equilíbrio exato de prioridades varia um pouco de pessoa para pessoa. Será que isso significa que podemos ponderar as nossas prioridades da maneira que queremos? Claro que não. "Meditar dia e noite" na Palavra de Deus é algo que todos devem fazer. É fundamental para a vida cristã. Parece-me, então, que em qualquer ponderação de prioridades os seguintes cenários estão fora dos limites:

Mais tempo a ver televisão do que a ler / estudar / memorizar a Palavra de Deus

Mais tempo em sites de redes sociais do que a ler a Palavra de Deus

Mais tempo a jogar jogos de vídeo do que a ler a Palavra de Deus

Quase todo a gente que conheço passa mais tempo numa dessas atividades que a ler, estudar e memorizar a Bíblia. Vamos chamar a isto outra coisa senão o que é? Nós não gostamos de falar sobre o pecado, mas isto é pecado. Tiago diz: "Então, quem sabe a coisa certa a fazer

e não a faz, para ele é pecado." (Tiago 4:17). Precisamos de um renascimento da Bíblia. E muitos de nós precisamos de nos arrepender pelas nossas prioridades erradas.

3 CONFIANÇA EM DEMASIA INJUSTIFICADA

De todos os diversos comentários que ouvi de cristãos ao longo dos anos, aquele que me perturba, talvez mais do que qualquer outro é, "Nós já sabemos mais da Bíblia do que aquilo que colocamos em prática". Este comentário revela muito mais sobre quem o diz do que ele faz sobre a realidade. Primeiro, demonstra que a pessoa que o disse não está a tentar muito arduamente aprender a Bíblia. Em segundo lugar, revela que o sujeito é passivo sobre a sua aplicação. E em terceiro lugar, confirma que o orador assume que todos compartilham a mesma atitude passiva sobre a Bíblia.

Para quê? Devemos parar de estudar a Bíblia até que tenhamos perfeitamente colocado em prática o que já sabemos? As premissas por trás desta declaração não estão apenas mal colocadas; elas são completamente falsas. Na verdade, nós não sabemos o suficiente sobre a Bíblia, não estamos a esforçarmo-nos o suficiente para aprendê-la, e nem todos concordam com isto.

A minha sensação é que comentários como estes são mais frequentemente feitos por pessoas que cresceram na igreja, mas que nunca, pessoalmente, se comprometeram a aprender a Palavra. Então, vamos

ser honestos por um momento. Quantos de nós que cresceram na igreja aprenderam mais do que algumas histórias da Bíblia isoladas do todo simplesmente porque andamos em escolas dominicais e grupos de jovens? A menos que tenhamos decidido, em algum momento, começar a ler e aprender a Bíblia por conta própria, nunca sequer aprenderemos a encontrar nada na Bíblia, nem mesmo as histórias. (Exemplo: Em que livro da Bíblia está a história do rei Saul que mencionamos anteriormente? Resposta: I Samuel). Nós aprendemos muito pouco sobre teologia bíblica. (Exemplo: Como estão relacionados os sacrifícios do Antigo Testamento com a vinda de Cristo?) Nós não sabemos porque é que acreditamos no que dizemos que cremos. (Exemplo: Como sabemos que a Bíblia é verdadeira no que diz?) Em suma, a sensação de que sabemos muito sobre a Bíblia porque crescemos indo à igreja é errada. Alguém que vem a conhecer a Cristo mais tarde na vida e, se dedica a ler e aprender a Palavra de Deus vai rapidamente ultrapassar a pessoa que confia na "aprendizagem" passiva que ele acha que adquiriu por frequentar a igreja quando era novo.

4 O PRETEXTO DE ESTAR DEMASIADO OCUPADO

Quero ter cuidado acerca deste ponto. Algumas pessoas estão terrivelmente ocupadas e não têm nenhuma maneira fácil de sair desta situação. Eu penso nas mães solteiras que têm de trabalhar a tempo inteiro apenas para fazer face às despesas, que passam - toda

...

**Será que conduz
quando vai para o trabalho?
Então, pode ouvir a Palavra
de Deus ao conduzir**

...

a noite - a atender às necessidades dos filhos (alimentação, roupa, trabalhos escolares), caindo depois exaustas sobre a cama. Algumas pessoas são simplesmente mais ocupadas do que outras, e alguns daqueles que são excessivamente ocupados não podem facilmente mudar a sua sorte na vida.

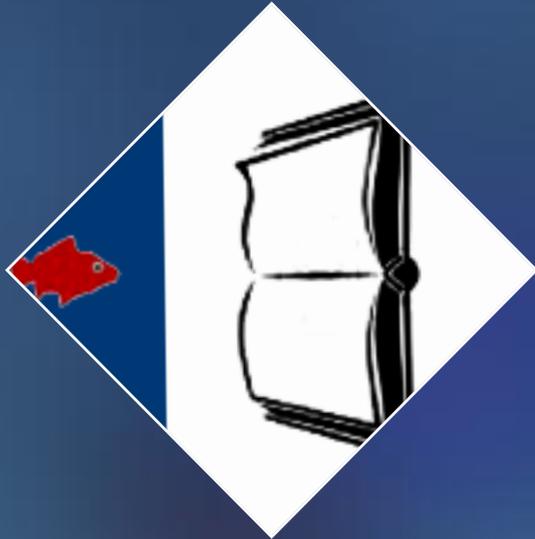
Mas neste ponto, não devemos ceder: Ler e aprender a Bíblia é uma prioridade tão fundamental para todos os que querem intitular-se "cristãos" que mesmo uma pessoa na categoria descrita acima não está isenta. Será que ela não dorme o suficiente durante a noite? Por favor, corte num pouco do tempo de sono e leia a Bíblia. Será que conduz quando vai para o trabalho? Então, pode ouvir a Palavra de Deus ao conduzir para ir para o trabalho. (Já agora, antes de surgir a tipografia, a maioria das pessoas aprendiam a Palavra de Deus por via oral. É uma maneira subestimada mas muito útil para aprender e memorizar as Escrituras.) Será que ela come o jantar com os seus filhos e ajeita-lhes os cobertores quando se vão deitar nas suas camas? Então, pode ler-lhes um parágrafo ou dois durante um desses momentos.

Rosa é uma mulher da minha igreja que aceitou o Senhor com 34

anos. Na altura, estava a trabalhar em dois empregos e a criar três filhos, sozinha. Se alguém tinha o direito de ser dispensado de se envolver com a Bíblia, era ela. Mas a mulher que a orientou espiritualmente enfatizou fortemente desde o primeiro dia o quão importante era ler e memorizar a Bíblia. Ela assim o fez. Lia a Bíblia de uma ponta à outra todos os anos. Memorizou sete versículos por semana durante 15 semanas do ano. Depois revia esses versos durante o verão. Assim, memorizou alguns livros como Filipenses, Colossenses, Hebreus e I João. Ela disse-me: "Durante aqueles anos difíceis, eu tinha sempre um verso na minha mente ao qual podia recorrer. Quando o meu carro avariou, lembrei-me de que Deus cuidava de mim na minha necessidade porque eu sabia o que estava escrito na sua Palavra." Ela também me disse que se tornou mais confiante em partilhar as boas novas de Cristo com pessoas no seu trabalho, porque conhecia as Escrituras.

Precisamos de mais pessoas como Rosa porque estamos no meio de uma fome, uma fome de "ouvir" a Palavra de Deus.

Gostava de fazer um apelo aos líderes das igrejas evangélicas e aos estudantes de teologia que estão a preparar-se para os seus futuros ministérios. Precisamos ser mais sérios perante a nossa responsabilidade em relação à Palavra de Deus. Alguns anos atrás, ouvi alguém lamentar o facto de ter ouvido muitas mensagens que não refletiam uma boa exegese dos versículos da Bíblia então tratados. Tenho que concordar que esta é, também, a minha experiência. Ao longo destes anos no ministério, tenho ouvido muitas mensagens e lições que realmente não se fundaram numa boa exegese da Palavra de Deus. D. A. Carson também lamenta que: "...é por demais revoltante encontrar no púlpito evangélico, onde as Escrituras são oficialmente reverenciadas, uma constante e imperdoável negligência ao abordá-las." Queixamo-nos que as seitas «arrancam» versículos dos seus contextos para provar um ensinamento que não tem nada a ver com a doutrina dos apóstolos. Mas às vezes nós, evangélicos, fazemos a mesma coisa. Não temos a paciência nem a disciplina necessárias para estudar os textos com cuidado. Logo a mensagem pouco reflete a intenção original do autor. Acredito que, se queremos mostrar o nosso respeito pelas Escrituras, devemos tratá-las com muito cuidado e estudar bem os respetivos textos confiando que a nossa mensagem está em sintonia com a que Deus quis transmitir.



A Bíblia e o Líder Espiritual

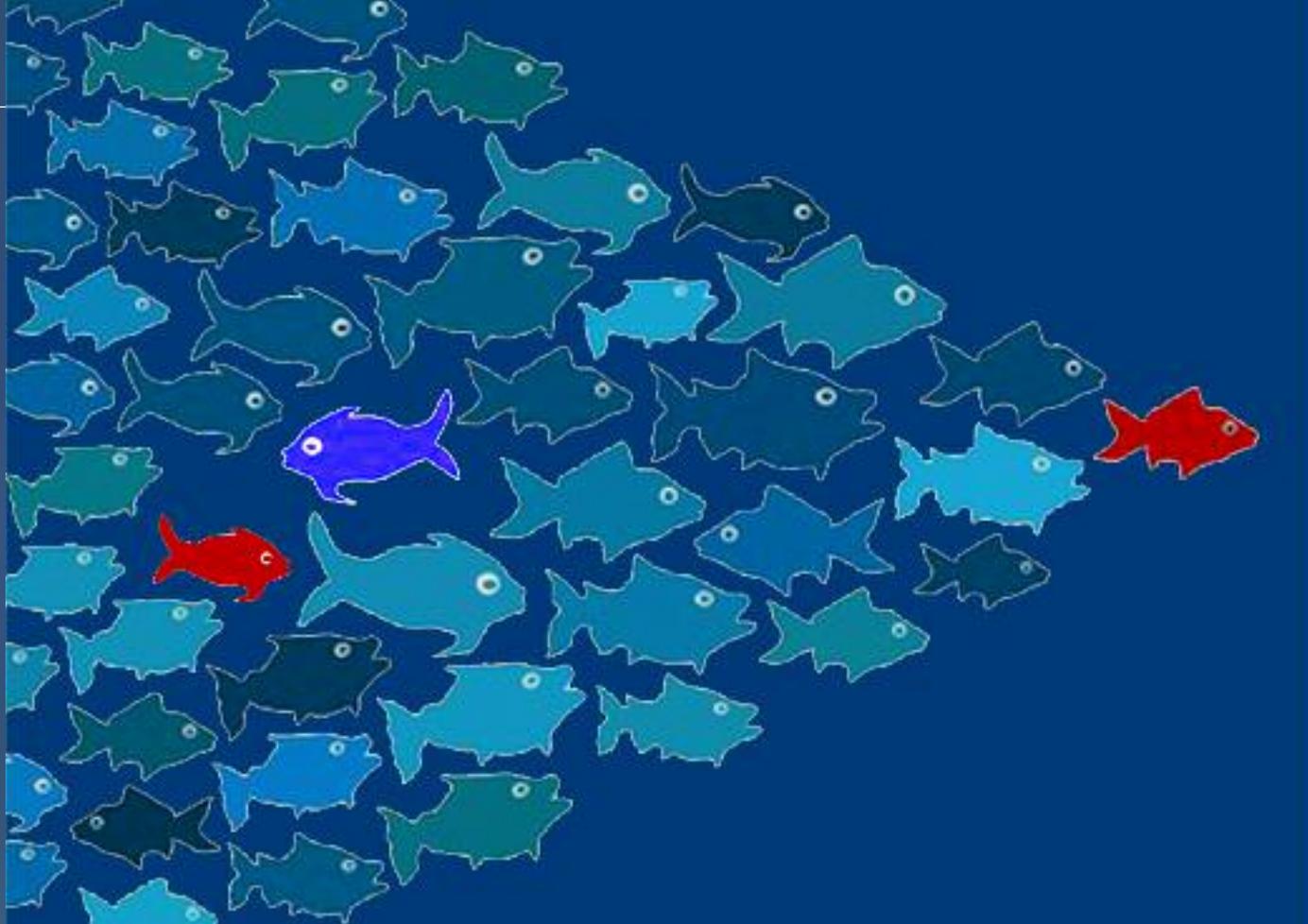
Gary Camlin
gary.camlin@gmail.com

UMA DAS PASSAGENS BÍBLICAS que destaca a importância da Palavra de Deus na vida de um líder do povo de Deus é Josué 1. Uma das razões porque a Palavra de Deus é essencial na vida de um líder é porque a responsabilidade de liderar o povo de Deus é grande e muitas vezes sentimo-nos inadequados. Por exemplo, o livro de Josué começa por nos dizer como ele tomou posse do cargo de liderança sobre o povo de Israel depois da morte de Moisés. Podemos imaginá-lo com hesitações em relação a essa responsabilidade.

Em primeiro lugar, porque não seria fácil suceder a um grande líder como Moisés. Este não só foi o instrumento que Deus usou para livrar o seu povo do Egito como, sob a sua liderança o povo tornara-se uma nação. Recebeu os mandamentos e a lei de Deus, comunicou-os ao povo e conduziu-o durante 40 anos depois da sua partida do Egito. Certamente, em qualquer altura, a morte dum líder nacional pode causar uma crise, mas Deus tinha preparado um substituto durante muito tempo. Josué era servo de Moisés, ajudando-o e aprendendo dele. Josué foi aquele que conduziu os israelitas à vitória durante a guerra contra Amalek no deserto (Ex 17.8-16). Foi um dos doze homens enviados a explorar a terra de Canaan. Entre eles, apenas Josué e Caleb tiveram confiança em Deus; os outros dez incitaram os israelitas a ter medo perante os obstáculos (Num 13-14). Agora, ele tinha de continuar o que o anteces-



sor deixou por fazer. Completar a missão de conduzir o povo a entrar na terra prometida. Sob a sua liderança, Israel herdaria a terra, cumprindo assim a promessa de Deus acerca da terra. Promessa que tinha a sua raiz na aliança que Deus fez com Abraão (Gen 13). A realização da promessa fora adiada 38 anos por causa da revolta do povo relatada em Números 13 e 14. Agora este mesmo povo estava às portas de entrar na terra mais uma vez. Certamente não seria fácil, mas Josué foi lembrado que podia contar com a presença poderosa de Deus ao longo do processo. Deus garantiu que Ele próprio daria vitória aos Israelitas. Observemos bem as diversas promessas comunicadas a Josué neste primeiro capítulo: Sucedeu, depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, que este falou a Josué, filho de Num, servidor de Moisés, dizendo: **2** Moisés, meu servo, é morto; dispõe-te, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel. **3** Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés. **4** Desde o deserto e o Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus e até ao mar Grande para o poente do sol será o vosso limite. **5** Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. **6** Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais... Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu



Uma das razões porque a palavra de Deus
é essencial na vida de um líder
é porque a responsabilidade de liderar o povo de Deus é grande
e muitas vezes sentimo-nos inadequados.

Deus, é contigo por onde quer que andares. (Josué 1:1-6, 9). Deus conhece muito bem os seus servos e sabe que eles precisam de receber muito encorajamento durante as suas vidas. Do ponto de vista humano, Josué tinha motivos para receio e desânimo. O poderoso inimigo ainda ocupava a terra. Ele já a tinha observado durante o tempo em que espiou a terra de Canaan. Sabia que o povo que ali habitava era poderoso e as cidades fortes e mui grandes (cf Num 13:28). Não seria uma conquista fácil. Todavia, também conhecia a fraqueza e instabilidade do povo. Por isso, o futuro estava cheio de muitas incertezas. Só a presença poderosa e fiel de Deus faria a diferença. Josué tinha de responder com fé, confiando neste Deus poderoso. Haveria, com certeza, oposição. Essa realidade nunca fora negada. Porém, a oposição não podia ter sucesso porque o Senhor era com Josué. Contudo, Deus não só animou Josué com estas grandes promessas, Ele também o exortou quanto à sua atitude para com a Palavra de Deus. Lemos nos versículos 7 e 8: Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares. **8** Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido.



Neste contexto a lei significa o Pentateuco, ou seja de Génesis a Deuteronómio. Enquanto os Israelitas se aprontavam para entrar na terra prometida, Deus enfatizou a sua revelação escrita. Esta tinha que ser o ponto de referência para o povo de Deus. A lei tinha que ser o foco principal de Josué e do povo. É com particular pertinência que Deus não enfatiza quaisquer revelações especiais que ele poderia receber. Também não se diz para recordar as coisas que Moisés tinha dito. Deus apenas enfatizou a lei que já existia, que já estava escrita. Josué deveria apenas mantê-la no centro da sua e da vida do povo de Israel. Com efeito, no v. 8, Josué é exortado a fazer três coisas: Falar da lei, Meditar na lei, Fazer conforme toda a lei.

Assim, em primeiro lugar deveria dar prioridade à comunicação da Palavra de Deus ao povo. É provável que “falar deste livro da lei” no versículo 8, se refira ao ensino de Josué perante o povo. Seja ensino formal ou informal, como podemos verificar no texto Josué 8.34-35. Do mesmo modo, no Novo Testamento Paulo aconselhou Timóteo a fazer o mesmo - “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.” (2 Tm 4:1-2). Constatamos que, todo aquele que exerce qualquer cargo de liderança na igreja deve dar prioridade ao ensino das Sagradas Escrituras. Certamente podemos encontrar

boas lições em diversos livros. Contudo, o que as pessoas mais precisam é, realmente, a alimentação da Palavra de Deus. O apóstolo Pedro aconselha os seus leitores a desejar “ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação.” (1 Pe 2:2). E, como disse Paulo na citação acima referida, o líder precisa de enfatizar a Palavra mesmo que as pessoas não queiram ouvi-la ou prefiram ouvir qualquer outra coisa.

Temos de alimentar o povo de Deus com a verdade das Escrituras. Mas para comunicar a Palavra de maneira eficaz, o próprio líder precisa de alimentar-se a si próprio. Por isso enfatiza-se em Josué 1:8 que ele precisa de meditar nela. A meditação é uma parte importante do estudo bíblico, pois precisamos de passar tempo a pensar cuidadosamente sobre o que está escrito. A Bíblia é mui profunda e podemos passar a vida inteira a estudá-la sem esgotarmos as suas riquezas. O líder espiritual precisa de ler a Bíblia na sua totalidade. E isto, vez após vez apreendendo as ideias e interligando-as a fim de que a sua mente seja preenchida com as verdades divinas. Seria um bom alvo ler toda a Bíblia a cada ano, ou mais devagar, lendo-a toda durante 2 a 3 anos. O que importa é ter um plano viável e segui-lo com diligência. Uma leitura metodológica tem a vantagem de dar-nos a perspectiva mais integrada (global) do seu conteúdo.

Além de lermos toda a Bíblia, também precisamos de estudá-la com mais rigor, fazendo uma boa exegese dos textos bíblicos. É aqui que ouço algumas queixas, porque o processo de exegese

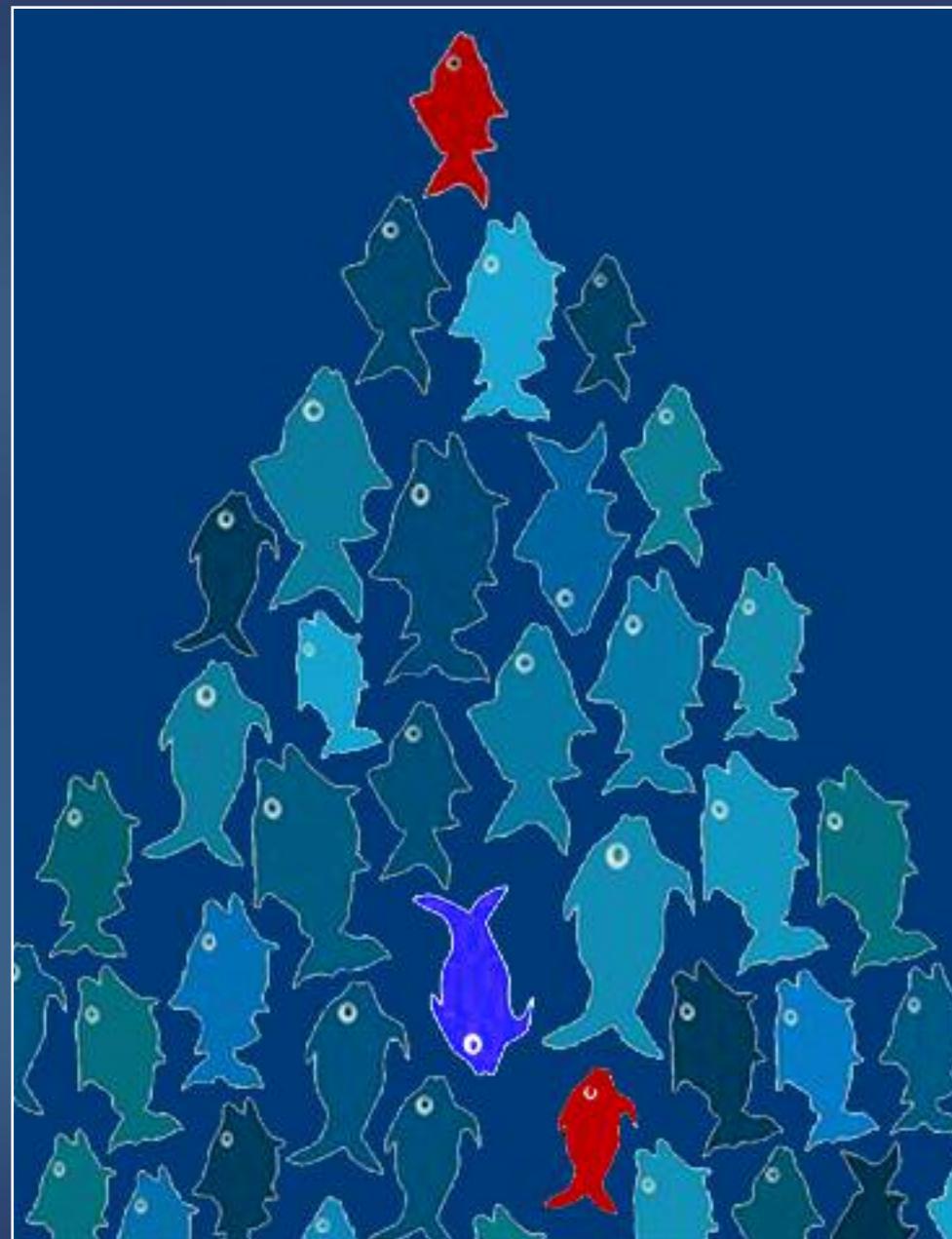
...
o líder precisa de dar
prioridade à Palavra
de Deus no seu ministério
para o seu próprio bem
e para benefício
das pessoas
sob a sua liderança

...

requer muito trabalho e concentração. Hoje em dia, parece que não temos tempo nem paciência para fazer uma boa exegese das passagens bíblicas. No Instituto Bíblico Português, existe uma disciplina que trata de como se deve estudar a Bíblia e preparar mensagens e lições que refletem a intenção original do autor bíblico. Enfatiza-se o tipo da pregação “expositiva.” Quer dizer que pretendemos dar uma explicação clara do texto bíblico e aplicá-la de uma forma em que a aplicação faça justiça à passagem bíblica que estamos a tratar. Simplesmente, acreditamos que não devemos usar os versículos fora do contexto para provar ideias que defendemos. Muitos dos nossos alunos dizem que este método de estudar a Bíblia e pregá-la é difícil. Isto, porque estamos mais habituados a ler rapidamente uma passagem e considerar logo a aplicação sem pensar muito sobre a ideia exposta pelo autor original. Todavia, a comunidade evangélica portuguesa merece pregações e lições da Escola Dominical que têm a sua base numa boa exegese.

Finalmente

precisamos de lembrar-nos que estudamos e meditamos na Bíblia, não só para sabermos factos, mas para melhor conhecermos Deus e vivermos com mais sabedoria; a fim de cumprirmos a Sua vontade e O agradarmos em tudo. Não podemos esquecer este importante objetivo quando estudamos a Bíblia. É nossa a grande responsabilidade sobre aqueles que precisam de conhecer melhor a Deus e crescer “na graça e no conhecimento de



nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” (2 Pedro 3:18). Esta obediência tem de começar na vida do próprio líder. Os nossos seguidores precisam de ver uma genuinidade nas nossas vidas. Devemos ser capazes de dizer como o apóstolo Paulo: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.” (1 Coríntios 11:1)

Ora esta obediência tem de ser completa. A obediência a toda a lei é muito enfatizada em Josué 1:7-8. Fala-se aqui de “toda a lei” e de “tudo quanto nele está escrito.” A nossa maior dificuldade são os nossos versículos preferidos sendo que existem outros que quase ignoramos. Alguém disse que o problema não são os versículos que não se entendem muito bem, mas os que entendemos facilmente e não queremos aplicar. Nenhum de nós é perfeito, porém precisamos de manter um padrão alto. Por isso, o nosso desejo deve assentar na obediência - de boa vontade e com a ajuda do Espírito Santo - a tudo que está escrito na Bíblia. Mesmo quando alguns mandamentos nos incomodam precisamos de desenvolver o hábito de fazer conforme a toda a Escritura. Só assim seguir-se-á o prazer de obedecer a toda a Palavra.

Este tipo de obediência realmente requer coragem. É interessante que Deus diz no início do v.7, “Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou...” Emprega-se a mesma linguagem como no versículo 6 que fala sobre a atividade militar. Isto quer

dizer que é preciso ter coragem não só para enfrentar o inimigo, mas também para ser fiel a toda Palavra de Deus. A coragem é precisa não só para ganhar guerras militares mas também para obedecer à Palavra de Deus com fidelidade. Nem sempre é fácil obedecer-lhe. Muitas vezes custa. Mas, os servos de Deus têm de tomar uma decisão firme de obedecer às Escrituras, seja qual for a instrução, sejam quais forem os obstáculos ou perigos.

Em suma,

o líder precisa de dar prioridade à Palavra de Deus no seu ministério para o seu próprio bem e para benefício das pessoas sob a sua liderança. Precisamos de comunicar eficazmente a Palavra de Deus. E para fazer isso com êxito, precisamos de meditar nela continuamente. A Bíblia deve fazer parte integrante da nossa vida. Para quê? Para termos o cuidado de fazer segundo toda a Palavra de Deus. É interessante notar que as mesmas três ações encontram-se em Esdras 7:10: “Esdras tinha dedicado a sua vida ao estudo da lei do Senhor, para a pôr em prática e para ensinar os seus mandamentos e preceitos ao povo de Israel.” (A Boa Nova) A ordem é diferente, mas os dois trechos salientam as mesmas três atividades.

Qual é o resultado de tudo isto? Josué 1:8 diz, “...então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido.” No caso de Josué esta prosperidade tinha a ver com o seu cargo de guiar o



povo de Israel a vencer o inimigo e herdar a terra prometida. A obediência de Josué à Palavra de Deus e a confiança de Josué na presença de Deus explicam as suas vitórias e o sucesso que marcava a sua carreira. Esta promessa é para nós também. Mas não devemos pegar neste versículo e forçá-lo a dizer coisas que Deus não pretendia comunicar (afinal estamos a enfatizar a boa exegese neste artigo!). Por exemplo, o texto não nos garante que vamos ter riquezas. Contudo, podemos dizer que a prosperidade no v. 8 tem a ver com o propósito de Deus para o seu servo. Viver conforme à Palavra de Deus resulta na realização feliz do propósito de Deus para as nossas vidas. Salmo 1.1-3 também salienta este resultado: **1** “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. **2** Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. **3**. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.”

E no Novo Testamento Paulo disse em 2 Tim 3.16-17, “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” Então, devemos manter-nos firmes, obedecendo à Palavra de Deus e confiando na sua presença para que possa-



mos viver com sabedoria e cumprir a vontade de Deus para as nossas vidas. A nossa responsabilidade não é agradar a todos, mas sim a Deus. A verdadeira prosperidade e o verdadeiro sucesso vêm só através de um compromisso firme em relação à revelação divina.

Concluiremos com outro versículo onde Paulo também salientou o esforço necessário para o servo de Deus em relação à Palavra de Deus. Em 2 Timóteo 2:15, Paulo exortou a Timóteo, “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.” (2:15) O nosso empenho nesta tarefa salienta-se na palavra “procura.” A palavra grega atrás desta palavra significa “ser zeloso ou diligente, fazer todo esforço possível.”

Passo a citar uma tradução que destaca bem esta ideia: “Esforça-te por te apresentares diante de Deus como trabalhador digno e irrepreensível, interpretando retamente a palavra da verdade.” Todavia, provavelmente há mais envolvido aqui do que a interpretação da Palavra e podemos também citar mais uma possibilidade para a segunda parte do versículo, “...que proclama com exatidão a palavra da verdade.” Então devemos esforçar-nos por interpretar bem e proclamar bem as Escrituras. Não podemos ser preguiçosos nessa área. Não quero dizer com isto que os líderes eclesiais devem fechar-se nos seus escritórios e passar todo o seu tempo a estudar a Bíblia e mais nada. Sempre existe o perigo de perder

o nosso equilíbrio, mas parece-me que hoje em dia, precisamos de avaliar a sério o nosso tratamento da Palavra de Deus. Irmãos, temos a responsabilidade pelas almas das pessoas que precisam muito de ser alimentadas espiritualmente. É verdade que há muita coisa a fazer no ministério: precisamos de aconselhar, visitar, evangelizar, participar em comités e, às vezes, montar as cadeiras! Todavia, temos que dedicar-nos ao estudo da Palavra de Deus para o bem das pessoas sob o nosso cuidado. É uma das melhores coisas que podemos fazer para elas. Finalmente ouçamos o conselho de D. A. Carson a esse respeito: “Estamos a lidar com os pensamentos de Deus; somos obrigados a esforçar-nos ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los com clareza.” Que assim seja!



PARTE 1

O QUE CANTAMOS NOS NOSSOS CULTOS

por John Fletcher

Na passada edição do Refrigério (nº 153), escrevi uma espécie de introdução aos próximos artigos que aqui apresentarei, e mencionei vários temas que considero importantes e tenciono desenvolver. Assim, para tornar clara a sequência de temas, apresentarei um índice geral de uma sequência de artigos sob o título “O que cantamos nos nossos cultos?”, contendo os tópicos que abordei e/ou tenciono abordar, esclarecendo em que ponto estou em cada momento.

ÍNDICE:

- Intro - “Cantai-lhe um cântico novo, tocai bem e com júbilo” - (publicado no Refrigério nº 153)
- Breve enquadramento histórico - (presente nesta edição do Refrigério)
- Os termos: Salmos, Paráfrases, Hinos e “Coros” - (futuramente)
- Para que serviram estes cânticos
- O que cantamos e como cantamos hoje
- Considerações e sugestões para melhorar

Antes da Reforma Protestante do séc. XVI a língua usada nos cultos era o Latim e não era incentivada a prática da congregação cantar conjuntamente durante os cultos.



DURANTE MUITOS ANOS cantei e toquei hinos e “coros” nos cultos, pensando que sabia o que eram, o que os distinguia entre si, e a razão da sua existência. Só quando aprofundei estudos em música (abordando temas como análise, composição musical e história da música) e estudei sobre a história do protestantismo é que percebi que eu e muitos dos dirigentes e instrumentistas intervenientes nos cultos não estávamos devidamente esclarecidos sobre esta matéria.

Um dos indicadores da minha falta de esclarecimento e conhecimento histórico sobre a música na igreja era o facto dos termos “salmos” e “paráfrases”, no meu entender, nada terem a ver com o que cantamos nos cultos, sendo para mim obviamente o primeiro referente ao maior livro da Bíblia e o segundo referente a gramática gerativa, mas não a cânticos usados nos cultos.

Aproveito para lembrar que enquanto muitos de nós cantávamos cânticos do hinário “Hinos e cânticos” a Igreja Presbiteriana usava o hinário “Salmos e hinos” (ver “Lista dos principais hinários usados pelas comunidades protestantes em Portugal, desde as suas primeiras edições” em anexo). E visto que durante a maior parte do tempo de presença da igreja protestante em Portugal foram cantados nos cultos hinos, salmos, paráfrases e “coros” apresento de seguida um muito breve enquadramento histórico, que será continuado no próximo número do Refrigério, para esclarecer a que se referem estes termos na tradição do protestantismo.



BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Antes da Reforma Protestante do séc. XVI a língua usada nos cultos era o Latim e não era incentivada a prática da congregação cantar conjuntamente durante os cultos. Foi apenas com o Concílio Vaticano II em 1965 que a Igreja Católica começou oficialmente a usar o idioma vernacular nos cultos. No entanto, ainda no séc. XVI, através da Reforma Protestante impulsionada por Martinho Lutero (1483-1546), introduziu-se o uso do idioma vernacular nos cultos das igrejas protestantes e foi incentivada a prática do canto congregacional conjunto durante os cultos. Uma das formas de incentivo foi a adopção de melodias populares ou conhecidas pelo povo em geral, com letras

adequadas, propositadamente escritas para essas melodias, para serem cantadas pela congregação, e não apenas músicas escritas de raiz para utilização no culto. Contudo o próprio Lutero preferia que fossem utilizadas no culto músicas escritas de raiz, em vez de outras. Mas o mais importante era que todos pudessem louvar e adorar a Deus com o coração e o entendimento, isto é, no seu idioma, entendendo o que diziam, e com um conteúdo concordante com o conteúdo da Bíblia. Perante a alta taxa de analfabetismo entre o povo nesse tempo, esta pareceu ser uma boa estratégia para envolver activamente toda a congregação, louvando a Deus com as suas bocas e assimilando conteúdos bíblicos enquanto cantavam.

Devido à forma estrófica permitir desenvolver um assunto em várias

estrofes e cantá-lo sobre uma melodia relativamente curta, que se repete para cada estrofe, esta forma foi amplamente usada pelo protestantismo. Dando assim origem a muitos dos hinos com estrutura: A, A, A... (número de estrofes variável), adoptados pelas comunidades protestantes em Portugal.

João Calvino (1509-1564), por sua vez, defendia que era melhor cantar as próprias escrituras, assumindo que a palavra de Deus seria mais adequada à edificação da igreja que outros textos de autores diversos. E implementou a tradição de se parafrasear os Salmos, e outras partes da Bíblia, com métrica cuidada e em forma estrófica para serem cantados por toda a congregação. Esta ideia muito influenciou a Igreja Presbiteriana na Escócia, movimento protestante que teve muita influência na divulgação do protestantismo em Portugal.

Com o reavivamento, que teve início no Reino Unido e colónias da América do Norte durante o século XVIII, introduziram-se no repertório protestante hinos onde a estrofe é intercalada por um refrão/estribilho. Estes hinos também eram caracterizados por utilizar textos com os quais as pessoas mais facilmente se identificavam, pois continham (muitas vezes na primeira pessoa) a experiência ou a oração de louvor do autor. Os hinos do Ministro congregacional Issac Watts (1674-1748) tornaram-se populares durante o referido reavivamento, ao ponto de hoje este ser considerado por muitos o pai da hinologia inglesa. O protestantismo que se propagou em Portugal é em grande



medida influenciado por este reavivamento, e pelo que se seguiu, no final do séc. XVIII e início do séc. XIX, também na América do Norte. Relembro que a Reforma Protestante que dividiu a Europa no séc. XVI não teve impacto em Portugal na altura, sendo só a meio do séc. XVIII que se formou a primeira congregação protestante constituída por portugueses em solo nacional, a saber a Igreja Presbiteriana Portuguesa do Funchal.

Posteriormente (e em Portugal apenas na primeira metade do séc. XX), com o movimento pentecostal, foram introduzidos no repertório protestante, cânticos com carácter mais popular e festivo, acompanhados por uma maior variedade de instrumentos.

No próximo número do Refrigério desenvolverei a explicação dos termos “Salmos, Paráfrase, Hinos e “coros” e quais as diferenças entre eles.

Até lá que Deus vos abençoe.

Assuntos presentes neste artigo são retirados das páginas 6, 153 e 154 de “A prática musical nas comunidades protestantes em Lisboa entre 1945 e 1965” disponível em www.johnfletcher.info

A palavra “coro” é um termo usado para identificar um tipo de cântico específico. Para não ser confundido com grupo vocal também chamado coro, foram utilizadas aspas sempre que o termo é empregue referente aos cânticos específicos.

LISTA DOS PRINCIPAIS HINÁRIOS USADOS PELAS COMUNIDADES PROTESTANTES EM PORTUGAL, DESDE AS SUAS PRIMEIRAS EDIÇÕES:

Psalmos e Hymnos em Portuguez – o primeiro hinário em português de que há registo, impresso em Edimburgo em finais de 1847. Pensamos que as suas posteriores edições deram origem ao hinário chamado Psalmos, Hymnos e Cânticos Espirituaes. Este segundo tem sido sucessivamente reeditado, e continua a ser editado e comercializado, atualmente com o nome Salmos e Hinos. Este foi o hinário adotado pelas comunidades presbiterianas e congregacionais.

Hymnos e Cânticos Espirituaes – Impressa a primeira edição em 1876, na Inglaterra. Desde então tem sido sucessivamente reeditado, atualmente com o nome Hinos e Cânticos. Este foi o hinário adotado pelas comunidades que aderiram ao movimento chamado “irmãos”.

O Cantor Christão – Impressa a primeira edição em 1891, no Brasil. Desde então tem sido sucessivamente reeditado, e continua a ser editado e comercializado, atualmente com o nome Cantor Cristão. Este foi o hinário adotado pelas comunidades batistas.

Harpa Evangélica – Impressa a primeira parte em 1909, em Lisboa. Desde então, concluído e sucessivamente reeditado, continua atualmente a ser comercializado mantendo o mesmo nome. Este foi o hinário adotado pelas comunidades denominadas “Assembleia de Deus”, até ser substituído na década de 1970 pelo hinário Cânticos de Alegria, constituído por uma compilação de hinos extraídos da Harpa Evangélica e Cantor Cristão.

“Ora, qualquer que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, pois é criança, mas o alimento sólido é para os adultos, os quais têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal.” (Hebreus 5:13 e 14)

A “FORMAÇÃO” ou “APRENDIZAGEM” de um cristão.

Teoria versus **Prática**



... ninguém aprende, a andar de bicicleta,
só de ler como se faz ...

LEMBRO-ME quando terminei a minha formação acadêmica e iniciei o meu primeiro emprego. As palavras do meu primo estavam mais presentes do que nunca “Nunca vais saber tanto a nível teórico como no momento em que acabas o curso”. Palavras mais do que certas, pois neste momento olho para trás e alguns dos conhecimentos adquiridos foram passando para segundo plano. Mas será que estava preparado para o mundo do trabalho?

A minha primeira tarefa foi de uma simplicidade extrema e, no entanto, uma semana não chegou para a completar. Eu tinha toda a teoria na minha cabeça, sabia todos os conceitos mas faltava-me uma coisa muito importante, experiência na aplicação prática dos conhecimentos.

Realmente sabia muita teoria, mas passar à prática implica passarmos à ação, deixarmos de nos limitar aos conceitos e teorias e criar algo útil com esse conhecimento.

A vida cristã é assim mesmo. Temos um manual fantástico que Deus nos deixou, multidisciplinar e sem necessidade de revisões ou atualizações. Mas de que serve todo esse livro se ele não for colocado em prática? Seremos meros teóricos com todos os conceitos e princípios na nossa cabeça. Sabemos que é importante amar, que Jesus é o filho de Deus, que não devemos julgar, que somos o corpo de Cristo, que não nos devemos juntar a um jugo desigual etc., etc., etc...

Mas o que é isto na prática? É saber toda esta teoria ou “viver” estes conceitos autenticamente, como uma forma de vida, como sendo algo de precioso no nosso caráter?

Prática é ter uma influência positiva na vida dos outros com base na-

quilo que Deus nos deixou. É vivermos conforme a famosa frase cristã “o que faria Jesus?”. É criar algo, dar fruto e ser um membro válido do corpo de Cristo.

Tiago escreve que a “Fé sem as obras é morta”. O conhecimento bíblico, a aprendizagem da palavra de Deus é complementado pela prática, para que com as faculdades exercitadas possamos nos alimentar do alimento sólido.

Nas palavras de um amigo meu, corremos o risco de sermos “gatos gordos de sofá”, desejando ser doutorados em teoria Cristã, “comendo” da palavra de Deus mas nunca a exercitando, caindo num marasmo egoísta e que não dá fruto.

É aqui que entra a importância do discipulado. Ao aplicarmos o que aprendemos, nem sempre iremos fazer as coisas bem à primeira. Ninguém aprende a andar de bicicleta só de ler como se faz. Caímos algumas vezes antes de o conseguir, mas é muito importante ter alguém ao lado para nos ajudar a colocar em prática, corrigir os erros e transmitir experiência. É importante haver uma referência para nos ajudar, alguém que com a sua experiência nos pode acompanhar e apoiar na vida Cristã. Jesus disse “ide e fazei discípulos” - fazer discípulos é mais do que transmitir a mensagem do evangelho, é formar o novo cristão nos ensinamentos da palavra de Deus.

Para finalizar, a “formação” ou “aprendizagem” de um cristão deve ser um ato contínuo ao longo de toda a sua vida. A Bíblia é o melhor manual de todos, mas todo este conhecimento teórico apenas faz sentido se compreendermos na prática o seu verdadeiro significado.

"Apresentação da instituição e sua missão numa perspectiva da importância da formação e vivência da fé contextualizada".

O GBU

uma «vasilha de barro» que Deus quis usar

por Alan Pallister
Conselheiro e ex-obreiro do GBU

NO FERIADO DO 25 DE ABRIL DE 2014, tive a oportunidade de participar na Assembleia Geral do GBU. O relatório da Direção Estudantil foi apresentado de uma maneira que apreciei muito (e que gostava de ter feito no meu tempo de estudante ou de obreiro!) – transmitiu as informações na forma de uma grande oração de louvor. Louvámos pelo desenvolvimento do trabalho em diferentes zonas do país. Louvámos também pelos novos obreiros que o Senhor chamou recentemente para acompanharem os estudantes no seu ministério de evangelizar nas universidades do país.

A minha esposa, Celeste, que em 1976 fora nomeada a primeira obreira portuguesa do movimento, não estava conosco nesse dia por estar bastante doente, embora já na fase da convalescença. O nosso filho, John, com a sua esposa Laura, tinham sido obreiros no Porto e senti-me feliz quando o novo assessor, Joel Oliveira, manifestou o seu apreço por aquilo que tinha aprendido com eles.

Senti que este movimento GBU fazia parte de mim - e da nossa família. E reparei que aquilo que, sob a orientação do Senhor e da Sua Palavra, tínhamos desejado que o movimento fosse, se tinha mantido inteiramente, apesar de fases mais difíceis que algumas vezes ocorreram - e apesar dos grandes constrangimentos financeiros que sempre existiram! Desejávamos que o movimento se centrasse em Cristo, que anunciasse a Sua morte expia-



tória como único caminho para a salvação. Desejávamos que se submetesse à Bíblia, entendida como inerrante e autoridade absoluta em toda a questão da fé e da prática. Desejávamos que os estudantes focassem bastante o aspeto devocional da sua relação com Deus, sendo «pietistas» no bom sentido da palavra. Desejávamos que a fé fosse entendida num sentido integral, abrangendo toda a vida das pessoas, sob a autoridade de toda a Sua Palavra, e não se dirigindo apenas à dimensão tradicionalmente chamada «espiritual». Desejávamos que o movimento fosse interdenominacional, mantendo a confiança de todas as denominações evangélicas que tinham o mesmo compromisso com a Palavra infalível do Senhor.

Para o nosso agrado, o Senhor tem permitido que todos estes desejos tenham sido realizados, usando para esse fim colaboradores do Brasil e dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Noruega, da Colômbia, do Canadá e da Austrália - além dos muitos obreiros que surgiram de Portugal. Pessoas com personalidades e dons diferentes - mas cuja contribuição em todos os casos foi positiva, não deixando espaço

para alguém considerar alguns como mais valiosos ou preciosos do que outros. Apreciámos desde sempre a tradição do obreiro se manter ao serviço do GBU durante relativamente poucos anos, permitindo assim a renovação que vem da entrada de novos colaboradores.

Toda esta realidade tem uma longa história, uma parte antes da organização formal do GBU em Portugal, no ano de 1976, e outra parte depois. Para que o GBU seja bem compreendido é importante que se conheça algo desta história mais distante – e da realidade internacional, a IFES (Comunhão Internacional de Estudantes Evangélicos), de que faz parte.

Da IFES, o primeiro visitante conhecido foi David Adeney, em 1943. Em 1967 o conhecido obreiro hispano-americano, Samuel Escobar, visitou o país e a seguir a obreira americana, Ruth Siemens, residente em Espanha, visitou várias vezes, ajudando a organizar estudos evangélicos nas faculdades. Em 1968 o Movimento de Estudantes Evangélicos de Portugal pediu filiação na IFES (International Fellowship of Evangelical Students) e a sua aceitação foi confirmada pela Comissão Geral da IFES em 1971. Embora na altura missionários da TEAM, e alguns pastores portugueses reconhecessem a importância de um ministério específico para universitários e lutassem para que se mantivesse, foi preciso esta visão, nas palavras de Pete Lowman (em “The Day of His Power”, ed. IVP, 1983):

«morrer e nascer de novo» para que se criasse um movimento estável. O casal brasileiro/americano, Alexandre e Katy Araújo, chegou em 1970, trabalhando esforçadamente em Lisboa, Coimbra e no Porto e ajudou na organização de uma comissão



estudantil nacional, até ao momento da sua retirada do país em 1975. Nessa altura o país sofria grandes mudanças, para as quais as comunidades evangélicas, tal como a grande maioria dos seus cidadãos, estavam mal preparados. Alguns estudantes, fascinados com o desafio do marxismo, abandonaram a sua fé. Outros mantiveram a sua fé mas enveredaram por opções «renovadas», salientando a ideia de revelações diretas como base de toda a sua atuação. Em 1976, como referi, a Celeste Jorge foi convidada para ser a primeira obreira portuguesa do GBU. Tinha a responsabilidade da coordenação a nível nacional, mas vivia em Coimbra, onde durante um tempo apenas um estudante aderiu às reuniões: o Rui Franco, que depois se tornou assessor. Em setembro de 1977, a Celeste e o Alan (autor deste artigo) celebraram o seu casamento e iniciaram um período de trabalho a nível nacional que continuou durante oito anos, com o sustento da IFES.

Uma componente da identidade histórica do GBU e dos movimentos da IFES, que talvez seja menos conhecida hoje, é a sua tomada de posição contra o liberalismo teológico e o relativismo do movimento

ecuménico. A inspiração verbal das escrituras é ensinada sistematicamente no GBU, constituindo uma garantia para líderes de denominações tais como os Irmãos, Batistas e Assembleias de Deus, entre outras, que se submetem a esta mesma regra. Em 1919 em Cambridge, Inglaterra, uns 15 estudantes do

que depois passou a chamar-se IVF, que se reuniam para orar todos os dias foram criticados pelo seu conservadorismo. «Andem com os tempos», expressaram os do movimento maior («Student Christian Movement») «ou morrerão dentro de um ano!». De facto quem morreu não foi este pequeno grupo que se centrava na Bíblia, na oração e no compromisso para evangelizar, mas o aparentemente mais prestigioso e intelectualmente esclarecido SCM («Movimento de Estudantes Cristãos»). Esse na altura considerava que o sangue expiator de Cristo era uma doutrina importante mas não central no cristianismo - e lamentava a estreiteza de quem acreditasse na inspiração verbal das Escrituras.

A rotura com o SCM na Inglaterra dos anos 20 teve a ver com a noção da impossibilidade de a então IVF (InterVarsity Fellowship) estar associada com «outro evangelho», havendo na realidade só uma mensagem e um Nome mediante o qual possamos ser salvos. Todo o estudante que conhece Cristo sente o desafio de anunciar esta mensagem aos seus colegas: muitos intimidam-se até à altura em que se possam associar com outros, orando e estudando a Bíblia juntos. A sua alegria em reconhecer esse mesmo desejo nos seus colegas de outras denominações, e em estudar a Bíblia com eles, além de tornar mais eficaz a sua prática de evangelização pessoal, cria as bases para amizades sólidas



que perduram ao longo da vida.

Na altura do Congresso de Lausanne, organizado pela Associação Billy Graham, em 1974, estiveram presentes representantes dos movimentos estudantis de vários países da África, da Ásia e da América Latina, que puderam dar testemunho da importância que a ação social e humanitária tinha no seu ministério global ao serviço de Cristo e do seu próximo. A participação de líderes como John Stott (Inglaterra), René Padilla e Samuel Escobar (IFES América Latina) foi absolutamente marcante, mostrando o caminho para um entendimento mais integral da nossa missão. O próprio Billy Graham assumiu humildemente durante o Congresso o facto de ter priorizado a evangelização de uma forma que deixava sempre em segundo lugar a ação social e propôs a articulação pelos evangélicos de objetivos que visavam o serviço ao homem como um ser total, não apenas como uma «alma» carecida da salvação.

Servir Cristo e os estudantes em Portugal ao longo das últimas décadas no GBU tem desafiado os seus líderes e colaboradores a uma

atualização teológica e prática constantes, ganhando coragem em determinados momentos para resistir aos erros do liberalismo de alguns e aos exageros da mensagem de Saúde e Prosperidade anunciada por outros.

Em alguns casos pode haver situações em que estudantes ou líderes do GBU tenham

contribuído positivamente para que as suas igrejas evitassem cair nestes erros.

Da mesma forma que estudantes e graduados portugueses beneficiaram da visão missionária de outros, verificámos que muitos dos grupos, ou os seus membros, quiseram servir a causa do Evangelho nas universidades de outros países bem distantes, incluindo Angola e Moçambique, Guiné Bissau e Timor, em alguns casos colaborando diretamente, ao mesmo tempo que davam aulas ou exerciam outras profissões. Ajuda financeira foi recolhida dos estudantes do GBU em Portugal a favor de outros países, como os de leste da Europa, por exemplo.

Quem estuda a história do GBU e de movimentos irmãos tem bem a noção de que é um trabalho frágil. Quem vive as suas lutas como líder estudantil ou obreiro ganha a noção de que Deus colocou o Seu tesouro mesmo em «vasilhas de barro». A maior expressão do GBU em centenas de faculdades é um simples grupo de estudantes reunido à volta das escrituras, no bar ou no jardim, normalmente o estudo sendo liderado por um deles.

Mas, como Paulo mostra em 2 Coríntios 4:7, a importância de as vasilhas serem pobres e fracas é exatamente «para que se veja que esse poder extraordinário pertence a Deus», e não a nós.



... muitos dos grupos, ou os seus membros, quiseram servir a causa do Evangelho nas universidades de outros países bem distantes, incluindo Angola e Moçambique, Guiné Bissau e Timor, em alguns casos colaborando diretamente, ao mesmo tempo que davam aulas ou exerciam outras profissões...

AGAPE CAMPUS

A Ana e a Maria vieram às Curtas com Sentido, um evento organizado pela Agape Campus, não tendo a certeza do que iriam encontrar. Elas tinham visto os cartazes que anunciavam curtas-metragens com uma mensagem profunda, café e debate após o filme. Parecia interessante o suficiente para que elas decidissem dar uma espreitadela.

Na semana seguinte, a Ana e a Maria apareceram novamente - desta vez trouxeram um amigo. A Ana explicou:
"Eu não estou inteiramente certa se acredito em Deus, mas este é um lugar seguro para falar sobre Deus, compartilhar as minhas opiniões e ouvir as opiniões dos outros."

A **Agape Campus** é uma organização de estudantes cristãos focada na comunidade, crescimento e missão. Desejamos proporcionar aos estudantes um ambiente seguro e em comunidade, com o intuito de conhecer Deus e ajudar outros a crescer na sua relação com Ele. A Agape Campus é um Ministério da Agape Portugal, a qual faz parte da CRU Internacional – uma organização cristã internacional criada em 1951 que agora está presente em mais de 150 países, e que conta com mais de 22 mil missionários a tempo inteiro.

Agape Campus esteve no Porto por vários anos, mas só começou o seu trabalho com estudantes universitários em Lisboa, no outono de 2013. Nos primeiros meses, falamos com mais de 500 alunos sobre a sua vida espiritual. Descobrimos que, a maioria apesar de não frequentar qualquer tipo de igreja, está interessada em ter um ambiente seguro para falar sobre Deus e as coisas espirituais.

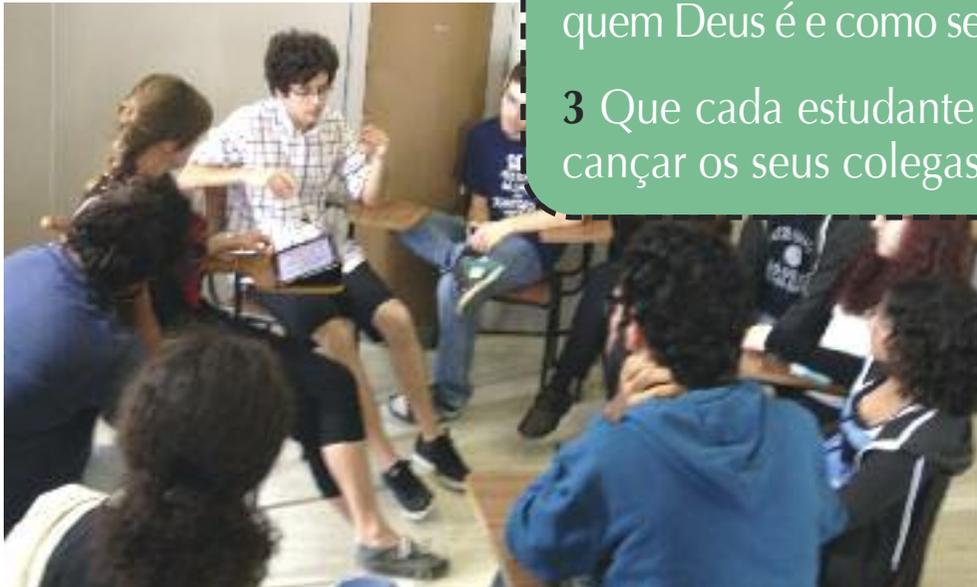
Quando lhes perguntamos o que significava um ambiente seguro, eles responderam: um lugar familiar e neutro - como a universidade, numa discussão onde podem partilhar as suas opiniões com outros estudantes. Eventos como "Curtas com Sentido" ajudam-nos a fornecer o tipo de ambiente espiritual seguro que os alunos estão à procura.

Se estiveres interessado em saber mais sobre a Agape Campus ou como te podes envolver, contacta-nos em: campus@agapecampus.pt.



A NOSSA VISÃO

- 1 Que cada estudante universitário conheça alguém que verdadeiramente segue a Jesus;
- 2 Que todas as faculdades em Portugal tenham um lugar seguro onde os alunos possam descobrir quem Deus é e como se podem relacionar com Ele.
- 3 Que cada estudante cristão esteja ativo em alcançar os seus colegas com o evangelho.



Aos 66 anos Agostinho Farinha decide tirar uma licenciatura em ciências das religiões. Saiba Porquê.



João Calaim **entrevista**

Agostinho Farinha

Onde nasceu? Nasci no Lobito, em Angola.

Onde passou a sua infância? Juventude? A minha infância foi passada no Lobito, mas já na minha juventude viajei e trabalhei noutras cidades inclusive estive em Portugal na Beira Baixa e alguns meses em Lisboa.

Onde estudou? Estudei em Angola, mas quando cheguei a Portugal em Outubro de 1975, fui desafiado pelo missionário Americano Bill Wooten a estudar teologia e em 1978 ingressei no Instituto Bíblico Português. Posteriormente quando eu e a minha família regressamos da Namíbia, fiz uma reciclagem numa perspetiva diferente, frequentei a Escola Bíblica ZOE, não completei os dois anos do curso

porque na época estava muito focado com Angola e fazia duas viagens por ano com a permanência de 60 dias por ser o bilhete mais barato e deu-me a possibilidade de partilhar algum conhecimento Bíblico com os irmãos da Igreja dos Irmãos que se reúnem em Benguela e no Lobito.

Por que razão não parou o prosseguimento dos estudos? (se houver alguma razão). Continuo a pensar que o ser humano tem que desenvolver as capacidades que Deus lhe deu e há uma busca permanente de saber mais, logo fui um devorador de livros. Através de algumas conversas com alguns amigos cristãos, tive conhecimento dum curso na Universidade Lusófona na área de ciência das religiões, fiquei

como se diz com a pulga na orelha e fiz em 2008 uma cadeira, só para experimentar. Foi boa a experiência e no ano seguinte matriculei-me e fiz os três anos da Licenciatura.

Por que motivo foi fazer o IBP? Lá em Angola eu já pregava na igreja, mas tinha o sonho de me preparar e conhecer melhor a palavra de Deus, para a poder comunicar de forma melhor. Mesmo em Angola, alguns irmãos me encorajaram a fazê-lo, mas só quando cheguei a Portugal é que surgiu a oportunidade de realizar esse sonho e desejo.

Quais os resultados/consequências/decisões desse tempo de formação? Foram várias. Deus tornou clara a visão de me envolver na Sua obra a tempo integral. Ainda como estudante do I.B.P. e juntamente com alguns alunos (eu e a Léta) participamos numa campanha de evangelização para plantação da Igreja de Vila Nova de Famalicão. No ano seguinte com outros colegas fizemos um trabalho semelhante, para a plantação na Igreja da Póvoa de Varzim e nessa ocasião o missionário Canadano, irmão Donald Leslie Lutes que tinha passado mais de 30 anos em Angola, e tinha o desejo de continuar a trabalhar com os Portugueses, convidou-me a mim e à Léta para o ajudarmos na plantação da igreja da Póvoa de Varzim. Tive também o privilégio de participar no congresso Missão 80 em Lausanne na Suíça. Penso que foi uma ferramenta que Deus usou para trazer vários de-

safios à minha vida. Principalmente a oração como motor para a vida cristã.

Em que países é que já esteve a trabalhar? Estive em Angola, Namíbia, São Tomé e Príncipe, e Guiné Bissau

Qual a sua formação? Sou Bacharel em Teologia, pelo IBP.

E é licenciado? Em quê? Sou licenciado em ciências das religiões pela Universidade Lusófona.

Com que idade é que tirou a licenciatura? Iniciei a experiência com uma cadeira, aos 65 anos. No ano seguinte, matriculei-me e comecei a licenciatura, já com os 66 anos.

Por que escolheu tirar uma licenciatura já depois dos 65 anos? O desejo de saber mais e como posso enriquecer o meu ministério. Durante este tempo na Faculdade fui desafiado por dois dos meus professores a ler no mínimo 30 páginas por dia, é interessante que isto representa uma média de 40 livros por ano dependendo do tamanho.

Alguma vez se sentiu discriminado por estar a fazer uma licenciatura com essa idade? Não, na minha turma até tinha um colega que era mais velho do que eu, éramos todos adultos maduros com a exceção de dois jovens, mas estávamos todos muito bem enquadrados.

Considera que pelo facto de já ter experiência na área, isso trouxe vantagem na conclusão da licenciatura? Não tenho dúvida que em algumas cadeiras foi uma vantagem acrescida

Agora com 71 anos qual vai ser a próxima formação? É claro que eu gostaria de continuar, mas há prioridades na vida e a família tem uma palavra a dizer. Com duas das filhas na faculdade não é fácil. Já pensei em consultar o programa de alguma universidade da terceira idade e ver se há alguma coisa que seja estimulante e desafiadora.





Deus olhou

Deus olhou e viu o mundo,
Num sofrimento profundo,
Numa agonia sem par,
Viu um povo amordaçado,
Carregando com um fardo,
Sem saber por onde andar.

Deus olhou com Seu amor,
Viu um povo sofredor,
Se arrastando sem alento,
Ele viu com Seu olhar,
O meu e o teu tropeçar,
Ele viu, de longe no tempo!

Deus olhou com a intenção,
De nos livrar da prisão,
Para nos dar novo viver,
Tudo o que nos afligia,
Olhando do alto, Ele via,
Ele olhou com bem-querer.

Deus olhou de tal maneira,
Que desde a hora primeira,
Preparou um grande escape,
E deixando toda a Glória,
Desceu para nos dar vitória,
Pagando o nosso resgate!

Deus olhou, abriu os Braços
Desatou todos os laços,
Desta infame servidão
Ele que É O Primeiro,
Veio a este cativo,
Para nos dar salvação!

Deus olhou e volta a olhar,
Constantemente a chamar,
- Vem a Mim alma cansada!
Pois Eu Sou, o Grande Eu Sou
O Meu sangue te comprou,
Não precisas fazer nada!

Manuela Campos, 2014

COMPLETA 130 ANOS (1884-2014), em que o Movimento dos irmãos começou a contribuir para a evangelização do povo angolano, e no estabelecimento de igrejas locais, no cumprimento do Ide de Jesus Cristo. Em resumo podemos dizer que os “irmãos” em Angola têm tido várias experiências quanto a formação Bíblica teológica dos obreiros nacionais, pelo que a mesma pode ser dividida, em três períodos, o período 1884-1960, 1960-1980 e 1980-2014.



Experiências de formação Bíblica/Teológica entre os Obreiros das igrejas Evangélicas dos Irmãos em Angola (IEIA).

José Neto, presbítero na IEIA
Talatona, Luanda-Angola

PERÍODO 1884-1960

O trabalho pioneiro foi feito essencialmente por missionários estrangeiros, com capacidades bíblicas adquiridas nas suas igrejas locais e instituições de ensino de seus países de origem. Os missionários provenientes dos Estados Unidos e Canadá, a Escola Bíblica de Emaús residencial, foi o local de formação primária de alguns. O missionário Clifford Beggs destaca-se na sua contribuição neste período em estabelecer a Escola Bíblica de Emaús por Correspondência na cidade de Luena, ex-Luso, e escreveu umas dezenas de comentários bíblicos para auxiliar os obreiros nacionais. Na mesma senda, o fizeram outros missionários, criando até pequenas escolas de ensino Bíblico em línguas nativas.

PERÍODO 1960-1980

A guerra para independência do país teve início, que tornou-se em guerra civil, 99% da força missionária fora forçada a abandonar Angola, em 1980 contava-se somente com cerca de 6 missionários residentes e devido a questões de segurança estavam baseados todos em Luanda. Neste período os questionamentos do treinamento de obreiros de forma sistemática entre os irmãos começou a ser levantada, devido a falta gritante de líderes nas igrejas locais com capacidades suficientes para fazer uma boa interpretação e exposição dos textos Bíblicos, a solução foi enviar os obreiros nacionais em escolas Bíblicas existentes no país. A figura de maior destaque no início desta época de formação de obreiros, foi o pastor Amadeu Maquina Caliatá

que, após sua formação Bíblica Teológica, motivou as igrejas da região do Bié a enviar obreiros para as escolas bíblicas, na qual cerca de uma dezena de irmãos foram enviados.

PERÍODO 1980-2014

O governo exigiu o registo oficial das igrejas no país, foi adotado ao grupo fraterno de igrejas o nome de Igreja Evangélica dos Irmãos em Angola (IEIA), conseguiu-se fazer uma radiografia com maiores detalhes da situação real das capacidades dos obreiros nacionais, em diferentes localidades, e foi conclusivo que o ensino sistemático era o caminho a ser perseguido; desta forma, surgiram os seminários de ensino bíblico e as conferências de ensino, com preletores nacionais, missionários residentes e convidados do exterior e também fez-se a implantação de cursos bíblicos sistemáticos como “Seja um obreiro Aprovado”, “Timóteo” em diferentes igrejas locais, em que seus frutos são visíveis, mas houve também um despertar para a formação teológica para o nível de licenciaturas e mestrados.

Desde o início do século XXI, tem existido um projeto para o estabelecimento de uma Escola Bíblica teológica de nível médio mas, devido a vários fatores, os progressos são lentos.

Atualmente existe um despertar generalizado para a existência de obreiros bem treinados no seio de cada igreja local entre os “irmãos”. Entre as igrejas Evangélicas filiadas na Aliança Evangélica de Angola, a IEIA tem--se destacado com maior número de estudantes residentes

no seminário Teológico Evangélico do Lubango nos últimos 5 anos, e com mais de uma dezena a fazer formação Bíblica teológica por extensão no país no nível de licenciaturas. Desta forma, tem existido um número elevado de irmãos com uma boa formação bíblica teológica no seio das igrejas locais. Alguns desses formados tornaram-se professores, que têm ministrado um curso bíblico modular básico, para os potenciais obreiros reconhecidos e recomendados pelas igrejas locais em várias regiões do país; atualmente existem mais de 200 finalistas.

...

Atualmente existe
um despertar generalizado
para a existência de obreiros
bem treinados no seio
de cada igreja local
entre os “irmãos”

....



FESTIVIDADES DOS

130 ANOS DA IEIA

GREJA EVANGÉLICA DOS IRMÃOS EM ANGOLA
FUNDADA EM 1884 E RECONHECIDA
PELO ESTADO ANGOLANO SOB DECRETO
DE 10 DE ABRIL DE 1992

Sob o lema: **“Diz aos filhos da IEIA que marchem”** baseado em Êxodo 14.13, a IEIA comemorou o seu centésimo trigésimo aniversário (130 Anos) no dia 30 de Julho de 2014. A IEIA foi fundada em 1884 na localidade de Kwanjulula, Província do Bié, pelo missionário

rio Britânico Frederick Stanley Arnot. As festividades do jubileu decorreram na Missão Evangélica de Kamundambala, na Província da Lunda Sul do dia 27 a 31 de agosto do corrente ano, para onde afluíram cerca de 10,000 fiéis oriundos das 18 províncias do país. As atividades prendem-se com o louvor e gratidão a Deus pelo JUBILEU, e foram abordados outros temas como: Historial da IEIA (esta atividade tem dois níveis: o nível geral e o nível de cada província representada, que deverá

trazer a sua história da chegada e expansão do evangelho e o atual crescimento, bem como os projetos em curso) Unidade, Crescimento e o papel da Igreja (I Coríntios); Princípios de LIDERANÇA (Neemias); e ISLAMISMO em Angola; Atividades paralelas de carácter social, humanitário e religioso; Marcha para Jesus (Saurimo para Cristo); Atividades desportivas; Atividades ambientais (plantação de árvores); Atividades humanitárias (doação de sangue); e visita à leprosaria da IEIA em Kamundambala.

INSTITUTO BÍBLICO S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Formando líderes para as Igrejas
Servindo as Igrejas em S. Tomé e Príncipe

A Missão de Evangelização Mundial (AMEM), uma missão internacional e interdenominacional, foi fundada em 1913 pelo missionário C. T. Studd. Atualmente trabalha em mais de 80 países, com o propósito de alcançar pessoas para Cristo e treinar líderes a servir o nosso Senhor e expandir o Reino de Deus. Em S. Tomé e Príncipe, a Missão AMEM está desde 2011 com o alvo de apoiar as Igrejas Evangélicas na formação de líderes e para servir as Igrejas Locais. O Instituto Bíblico S. Tomé e Príncipe tem como objetivo formar cristãos maduros e dispostos a transformar a sociedade, especialmente no contexto de S. Tomé e Príncipe, a partir de reflexões pautadas nos princípios bíblicos e da ética cristã. A visão passa por treinar servos na Palavra de forma a impactar S. Tomé e Príncipe e todo o mundo com o Evangelho de Jesus Cristo, trabalhando firmemente para ver o poder de Deus sendo aperfeiçoado na vida de cada estudante, para desenvolver o caráter de um obreiro aprovado por Deus e que faça bom uso da Bíblia.

Equipando e treinando

O Instituto Bíblico tem como público-alvo homens e mulheres cristãos membros de igrejas evangélicas, com idade maior ou igual a 18 anos, bem como líderes eclesiásticos de diferentes denominações que não possuem formação teológica.. Nesse sentido,



oferece aos seus alunos o Curso Básico de Teologia, com duração de dois anos, com ênfase no ministério eclesiástico, tendo como áreas principais: Novo e Antigo Testamento, Teologia Sistemática, História da Igreja, Hermenêutica e Homilética, Apologética - seitas e religiões, Ética e Vida Cristã, Liderança e Ministério, Evangelismo e Discipulado, Implantação de Igrejas. Há três tipos de estudantes: Integral, Parcial e Ouvinte. Por ser uma escola interdenominacional é frequentada por alunos de várias denominações. Das Igrejas dos Irmãos estão a ser preparados oito obreiros (Valentim Pinheiro e ZéWilson Viana - Igreja de Agua Arroz; Manuel Neto, Ademel Britos, Jeremias Paraíso e Yahilson Bragança - Igreja de Pinheira; Inácio da Cruz - Igrejas de Ribeira Afonso; José Mendes - Igreja de Nova Canaã). O corpo docente é composto por professores de diversas denominações entre os quais: Miss. Grioprix, Miss. Eliud, e Professora Agnalda da Igreja dos Irmãos. O Instituto Bíblico S. Tomé e Príncipe oferece apoio aos estudantes e suas Igrejas também através dos seus recursos: Biblioteca (cerca de 2000 volumes), Escola Dominical, retiros espirituais, mentoria de alunos, seminários, folhetos e literatura, com o propósito de fortalecer cada estudante, promovendo a formação de membros ativos na igreja local e uma liderança com visão missionária.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO



Em todo o mundo, nos nossos contextos nacionais diferentes, sabemos que temos de ser estudantes eficazes da Palavra de Deus e ter uma liderança bem treinada. Para ajudar as igrejas locais com este objetivo, escolas bíblicas e cursos de formação surgiram em muitos lugares, especialmente nas últimas três décadas.

Para incentivar estas atividades existentes, conferências de 4 em 4 anos de formadores e professores da Bíblia têm sido organizadas nos últimos anos por um grupo de acompanhamento com a hospitalidade do Emmaus Bible College, Dubuque, Iowa, EUA.

A terceira conferência realizou-se de 27 a 31 de Maio

de 2014. Contou com mais de 70 participantes de 28 países em cinco continentes. O ponto principal era a hermenêutica bíblica e a contextualização da missão, mas muitos workshops focaram-se em aspectos práticos do desenvolvimento institucional, como a acreditação de cursos e assegurar a sustentabilidade financeira em diferentes circunstâncias.

Um relatório e documentos da conferência já foram disponibilizados na página da internet da Rede de Formação dos Irmãos (www.brethrentraining.org).

Muitas vezes, a partir das nossas localizações nacionais não conseguimos entender a escala das igrejas dos Irmãos como património mundial. Existem mais de 25.000 congregações em pelo menos 140 países. Por exemplo, há países em África onde as assembleias de Irmãos são muito fortes, como a Zâmbia, Congo, Angola e Chade que, em conjunto, têm mais de 5.000 congregações. Na Papua Nova Guiné, mais de 450 congregações têm entrado em vigor desde 1960. A Argentina, que já foi considerada um campo de missão, enviou mais de 30 missionários para servir a Deus noutros países.

A necessidade de formação eficaz é cada vez maior e os participantes deixaram a conferência Dubuque III muito inspirados para servir ao Senhor através do ensino eficaz da Bíblia nos respetivos países e com um sentido mais profundo de comunhão com o próximo.

SEXTA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS IRMÃOS EM MISSÃO



Os líderes nacionais do movimento dos Irmãos em todo o mundo estão convidados a participar na conferência IBCM6. Será realizada no Hotel Selene, Pomezia, perto de Roma, de 22 a 26 de Junho de 2015.

O objetivo das Conferências Internacionais dos Irmãos em Missão (IBCM) é reunir a cada quatro anos os líderes nacionais de igrejas locais associados ao movimento de Irmãos em todo o mundo para reflexão espiritual, comunhão e, oremos por isso, experiência renovada do Senhor. Mais detalhes em <http://www.ibcm.net/>



Igreja Evangélica Nova Aliança de Jesus

Moçambique-Província de Maputo-Local de Boane

por Joaquim Pondo



COM 800 MIL km² e uma população cerca de 22 milhões de habitantes, Moçambique é um país laico, em que o governo respeita as diversas crenças religiosas. Este tem sido um dos motivos que tem atraído muitos missionários, vindos de diversas partes do mundo, trazendo consigo a mensagem da cruz de Cristo e partilhando a sua experiência cristã.

Segundo Publicação da Literatura Moçambicana de 2011, estima-se que a população de Moçambique seja composta por 23.8% de católicos, 17.8% de muçulmanos, 17.5% - de zione, 16.2% de evangélicos/protestantes e 23.1% de pessoas sem religião. Com uma população cerca de 81.406 habitantes, e uma densidade populacional de 101 hab/km², o Distrito de Boane está localizado a sudeste da Província de Maputo, e dista 30 Km da cidade de Maputo, capital de Moçambique.

A Igreja Evangélica Nova Aliança em Boane teve o seu início nos anos 1998 e 1999, quando o missionário Karl Peterson e alguns irmãos evangelizaram pela primeira vez, em baixo de uma grande árvore, na vila sede do distrito de Boane. Encontraram vários grupos de militares que receberam a Palavra, muitos dos quais continuam fervorosos, e outros já partiram para o Senhor.

Com ajuda de irmãos americanos, que apoiaram fi-

nanceiramente, foi erguida uma casa de oração com blocos de cimento e chapas de zinco.

Desde então a igreja conheceu grande crescimento, ganhando muitas almas para o Senhor, o que levou a missão da igreja a deixar a responsabilidade da igreja na direção da província de Maputo.

No ano de 2004 foi enviado o irmão Ancião Mpondza para liderar aquela igreja – um missionário já idoso, mas com muita entrega à obra de Deus, que veio a falecer em 2007 deixando um grande vazio.

Nessa época a igreja viveu momentos muito difíceis, sem que houvesse alguém para preencher aquela perda, sentindo-se a ação de Satanás que usou homens para vandalizar a casa de oração, o que levou ao encerramento das suas portas.

Perdeu-se uma parte do terreno da igreja e a casa de oração foi usurpada para fins partidários, chegando mesmo a ser hasteada a bandeira do partido no recinto da igreja. Mas os irmãos oraram bastante por voluntários para a árdua e doce tarefa de restabelecer a igreja.

Foi nesta altura que o Espírito me tocou, e à minha família, para servir ao nosso Criador ganhando almas no distrito de Boane. Foi precisamente no dia 21 de Novembro de 2011 que passámos a trabalhar nesta obra missionária, na qual estamos até aos dias de hoje.

A igreja local de Boane congrega-se actualmente em dois locais diferentes, composta por 135 almas - crianças, jovens, e adultos, com cultos de adoração três vezes por semana, culto doméstico de senhoras, e ensaios dos jovens.

Todos estes dados mostram a necessidade do nosso maior envolvimento na evangelização e que mais irmãos se entreguem para obra missionária em Moçambique.

“Aquele que parte chorando, enquanto lança a semente, retornará entoando cânticos de louvor” - Salmo 126.6

Foto reportagem: Contentotores enviados como oferta para a Igreja Nova Aliança em Maputo e Projeto Moçambique



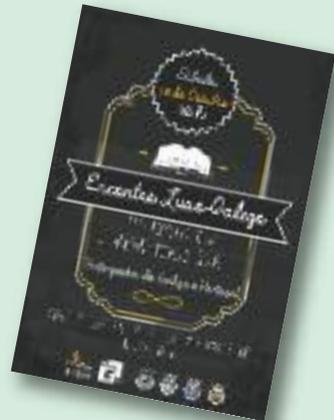
CONFERÊNCIA DA CIIP-NORTE

15 de Novembro
Igreja Ev. de Cacia
TEMA - Igreja/ Família = uma só vida.
Orador Heinz Mullheim
Participações Musicais : Coral Gerações
e Coral da Gafanha da Nazaré



ENCONTRO LUSO-GALEGO DA UNIÃO BÍBLICA

18 de Outubro-16 horas
Auditório do Centro Cultural do Olival
- Vila Nova de Gaia
Orador: Moncho Lagos, presidente
da Coordenadora
das Assembleias de Irmãos na Galiza.
Participações musicais da Galiza e de Portugal



REUNIÕES DAS IGREJAS DA CIDADE DE LISBOA

no último Domingo
de cada mês.



XVIII CONGRESSO

ACEPS Portugal
Informações e inscrições
acepsportugal.blogspot.pt



BATISMOS

21 de setembro
Parque Souto do Rio
Águeda

Já tens planos para esta passagem de ano? Este ano vamos ter a **MÁQUINA DE SONHOS 5 - de malas feitas**. A MdS junta mais de mil jovens a cada dois anos para um desafio a uma vida de compromisso com Deus. Nesta quinta edição queremos que estejas de malas feitas, pronto para ir onde o Pai te enviar. Para isso, estamos a preparar três dias cheios de experiências memoráveis: podes contar com mensagens desafiantes, bons concertos, louvor inesquecível, workshops novos, comida ótima e claro, conhecer muitas pessoas novas. Esta edição da MdS é especial pois vamos estar no coração de Lisboa, o nosso orador da noite é Tom Bremmer, o diretor regional europeu do Desafio Jovem, e esperamos ter o maior número de participações de sempre da Máquina de Sonhos.

Junta-te a nós! Mais info: www.maquinedesonhos.pt



CONSTRUÇÃO DOS MUROS - Boane

Envio fotos das obras que decorrem no recinto da igreja. Queremos agradecer desde já o apoio que nos têm concedido. Já foi aplicado na totalidade o valor entregue para o muro. Temos ainda algum material para levantar a terceira parede o que faremos em breve. Falta-nos uma parede e colocação de um portão mas damos graças por tudo. Depois disso veremos como fazer para terminar. O SENHOR tem sido maravilhoso.



ISIS - Estado Islâmico do Iraque e do Levante

João & Lucia Dias

Há poucos minutos recebi as seguintes mensagens texto no meu smartfone, de Sean Malone. Nos falá-mos em seguida pelo telefone, e eu assegurei-lhe que iam comunicar este pedido de oração urgente a todos os nossos contactos. Perdemos a cidade de Queragosh (Qaraqosh) (Iraque do Norte). Ela caiu no poder de ISIS e eles decapitam sistematicamente as crianças. E a cidade onde temos também contrabando alimentar.

ISIS repeliu as peshmergas (forças curdas), e está agora situada a menos de 10 minutos, podendo atingir o ponto onde a nossa equipa trabalha; Milhares de pessoas fugiram a noite passada da cidade de ERBI. A ONU evacuou o seu pessoal de ERBIL. A nossa equipa ainda aqui está e ficará.

A protecção da oração é absolutamente necessaria. Por favor orai fielmente (em permanência), pela libertação do povo do norte do Iraque, da terrível elevação/terror de ISIS e seus extremistas islamistas cujo objectivo é a conversão em massa ao islamismo ou a morte para todos os crentes desta região.

Exorto-vos a comprometerem-se (seriamente) a não ignorar este email ou de não o suprimir. É necessario levantarmo-nos pelos nossos irmãos em Cristo.



ESTRATÉGIA DO GRUPO DE TRABALHO PARA A ESCOLA DOMINICAL DA CIIP-SUL

P' GTED-CIIP Sul Rute Manaia

O Grupo de Trabalho para a Escola Dominical da Comunhão das Igrejas do Irmãos de Portugal zona Sul (GTED-CIIP Sul) constituiu-se no sentido de dar uma orientação às Igrejas da CIIP-Sul no que respeita ao ensino da Bíblia de forma estruturada, tendo a preocupação sobre o que o aluno necessita de saber, conhecer e interiorizar ao longo da vida, na sua aprendizagem e crescimento espiritual, adaptado a cada nível etário.

Após um longo período de pesquisa e análise de diversos materiais, o GTED-CIIP Sul recomenda que, para o próximo ano letivo, (2014/2015) sejam utilizados os currículos da Editora Cristã Evangélica, cujos materiais por faixa etária se encontram discriminadas no anexo I. Estes conteúdos podem ser consultados no sítio da internet www.editoracristaevangelica.com.br e são comercializados pela APEC Portugal.

Paralelamente e tendo em vista o ano letivo 2015/2016, o GTED-CIIP Sul, está a tratar do procedimento (direitos e autorizações) para proceder à tradução dos conteúdos programáticos da bibletime, cuja descrição sucinta se encontra no anexo II. Estes materiais também se apresentam adaptados a cada nível etário e com lições para 4 anos.

Outra preocupação do GTEDCIIPS é a capacitação dos professores para as tarefas a desenvolver e os desafios que se colocar em dar uma classe de Escola Dominical. Deste modo está a ser preparada formação para professores de acordo com as suas necessidades, cujo calendário será oportunamente, divulgado.

Ensina à criança o caminho por onde deve andar, e quando for velho ainda continuará a andar por ele. Provérbios 22:6

GTED-CIIP Sul : Rute Manaia (Coordenadora), Lídia Fletcher, Nuno Fonseca, Fátima Santos, Ana Paula Cândido, João Pedro Calaim e Silas Figueiredo

O Grupo está aberto a novos membros de outras Igrejas

SOU DEVEDOR

Antônio Augusto de Almeida, 2014

Quer seja na alegria, ou na tristeza,
Ou mesmo na tribulação, ou na dor,
Fora de qualquer dúvida, na certeza,
Ao Senhor Jesus Cristo, eu sou devedor.

A Ele, eu devo, tudo aquilo que sou,
Devo-Lhe, o que nunca poderei pagar,
Aonde quer que eu vá, com Ele estou,
E Ele está comigo, por onde eu andar.

Devo ainda, o meu automóvel, e a casa,
Seja a minha saúde, ou o meu trabalho,
Jesus é aquele, que nunca se atrasa,
Ele é O Caminho, não precisa de atalho.

Ainda Lhe devo, o sustento, e a alegria,
Sua presença, quando vem as aflições,
Contando com as Bênçãos, do dia-a-dia,
E até no ânimo, das minhas emoções.

Devedor nos cravos dos pés, e das mãos,
Eu sei que Ele, também fez isso, por mim,
Juntou os Seus filhos, que são os irmãos,
Para serem lavados, pelo sangue carmesim.

Foi por mim que, Ele, se deu até á morte,
Desprezou a vergonha, e a afronta da Cruz,
Todos podemos beneficiar, dessa sorte,
Que nos trouxe do céu, nosso Amigo Jesus.

Sou devedor, até ao ultimo suspiro da vida,
Visto que, Ele, me foi preparar a morada,
Sendo a Única Porta, que nos pode dar saída,
Não há Outra, que nos possa dar entrada.

Esta é apenas, a única forma para a salvação,
Serei sempre devedor, foi Jesus que pagou,
Em troca, eu entreguei-lhe, o meu coração,
Morreu por mim, pensou em mim, me amou.

FICHA TÉCNICA 1 5 4

Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade

Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal (CIIP)

Internet: www.ciip.net

E-mail: geral@ciip.net



As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem Igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e

no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão

Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira, e Osvaldo Castanheira

Apartado 131

2726-902 Mem Martins

E-mail: geral@refrigerio.net

Design Gráfico e Paginação

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online

Osvaldo Castanheira

Edição de Texto

Helena Sequeira

Revisão de Texto

Cristina Calaim

Versão digital

<http://www.refrigerio.net>

Capa

Fotomontagem sobre ilustração de

Gustave Doré

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X (impresso)

2182-6188 (em linha)

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que teem ajudado no sustento deste ministério.

Envie a sua oferta para

NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2

(Departamento Missionário) com a especificação do destino da oferta: "Revista Refrigerio".

© Copyrights

Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal,

não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Um sítio em destaque por edição



IBCM

www.ibcm.net e

www.youtube.com/watch?v=CSG-Oh95uxU

Algumas fotos ou imagens desta revista poderão ter sido retiradas da net sendo desconhecida alguma interdição à sua utilização. Caso alguma esteja sujeita a direitos autorais, agradecemos que nos contacte para solicitarmos autorização ou procedermos à sua remoção.